

VICTOR HUGO ALVES OKAZAKI

**DIAGNÓSTICO DA ESPECIFICIDADE TÉCNICA DE JOGADORES QUE
DESEMPENHAM A FUNÇÃO DE ARMADORES, ALAS E PIVÔS NO
BASQUETEBOL**

Monografia apresentada à matéria de Seminário de Monografia como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná. Professor Iverson Ladewig.
Turma: X



**CURITIBA
2002**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**DIAGNÓSTICO DA ESPECIFICIDADE TÉCNICA DE JOGADORES QUE
DESEMPENHAM A FUNÇÃO DE ARMADORES, ALAS E PIVÔS NO
BASQUETEBOL**

Monografia apresentada à matéria de Seminário de Monografia como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná. Professor Iverson Ladewig.
Turma: X

**ORIENTADOR
PROF. Dr. ANDRÉ LUIZ FÉLIX RODACKI**

EPIGRAFE

“O basquetebol é um jogo fácil de jogar e difícil de dominar”
(NAISMITH in DAIUTO, 1971, p. 91)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e entendimento concedidos para o executar deste trabalho...

Agradeço a meus pais (Nelson e Almira) e irmãos (Fábio e Carlos) por todo o apoio durante minha vida, por me incentivar a busca pela realização de meus sonhos...

Aos meus grandes amigos: Pervis, Casé, BA, Maçaranduba, Vavá, Nogueira, Cesinha, Soninha, Silene, Stocklener, Hining, Vivi, Gabriel, Gralita, Tiazinha, Feiticeira, Biscoito, Perla-aí, Escândalo, Aranha, Putz Cabeção, Hurzo, Axé Bahia, Bota, Moa,... , entre outros que não caberiam nesta folha se fossem todos mencionados, os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço ao meu coordenador Roberto Cavagnari e a meu professor Rolando Ferreira Jr., pelo apoio em todas as etapas desenvolvidas com as equipes de basquetebol da UFPR, assim como pelas grandes lições de vida...

Agradeço aos meus professores e ao meu Orientador, pela contribuição em minha formação acadêmica....

Agradeço aos meus alunos e atletas por me ensinarem a lutar e nunca desistir dos grandes desafios que a vida pode proporcionar....

E mais uma vez, agradeço a Deus...

... que em todas as coisas tem me feito mais do que vencedor em Cristo Jesus.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho

a Jesus Cristo

que deu sua vida

como grande gesto

de amor por todos nós

A Ele toda a Honra, Toda a Glória, Domínio, Louvor, Adoração, Majestade e Poder.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01:	Número de Arremessos e Percentual de Utilização, em Relação aos Jogadores que Atuam na Função de Armadores, Alas e Pivôs.....	46
Tabela 02:	Número de Pontos Convertidos pelos Arremessos e Percentual de Utilização, em Relação aos Jogadores que Atuam na Função de Armadores, Alas e Pivôs.....	47
Tabela 03:	Número de arremessos feitos para 1 ponto, 2 pontos e 3 pontos, em Relação aos Jogadores que Atuam na Função de Armadores, Alas e Pivôs.....	48
Tabela 04:	Número de passes (segundo a forma de execução - técnica), em Relação aos Jogadores que Atuam na Função de Armadores, Alas e Pivôs.....	49
Tabela 05:	Número de dribles (quiques da bola no chão) e o número de vezes em que a técnica de drible foi solicitada, em Relação aos Jogadores que Atuam na Função de Armadores, Alas e Pivôs.....	50
Tabela 06:	Número de rebotes, bloqueios ou “tocos”, bolas perdidas, bolas roubadas e o número de posse de bola, em Relação aos Jogadores que Atuam na Função de Armadores, Alas e Pivôs.....	52
Tabela 07:	Número das ações do jogador com a bola, em Relação aos Jogadores que Atuam na Função de Armadores, Alas e Pivôs.....	52

RESUMO

O presente estudo visa a identificação da freqüência de utilização das habilidades técnicas encontradas na competição de basquetebol, assim como sua utilização em jogadores que desempenham a função de armadores, alas e pivôs, para dar subsídios a construção de treinamentos mais específicos. Para tal, utilizou-se de uma pesquisa de campo através de jogos do campeonato nacional brasileiro masculino (temporada 1996 e 1997), da liga norte americana (NBA – temporada 2002/2003), da liga européia (temporada 2002/2003) e do campeonato mundial (2002). Esta pesquisa buscou quantificar numericamente as ações motoras correspondentes as habilidades técnicas e elementos constituintes do basquetebol: arremessos, dribles, passes, pontos, rebotes, bloqueios, bolas perdidas, bolas roubadas e posses de bola. A pesquisa baseou-se na análise de partidas de basquetebol por meio de um scout técnico. A análise dos dados trouxe subsídios capazes de quantificar e diferenciar a freqüência de utilização das ações motoras do empregadas no jogo nas diferentes funções desempenhadas pelos jogadores (armadores, alas e pivôs): (1) os armadores demonstraram grande necessidade da habilidade técnica de dribles e passes. Além de ser o jogador que mais posse de bola obteve, assim como roubos, perdas de bola e por ser o jogador que mais utiliza o arremesso de bandeja; (2) os alas, podem ser considerados como jogadores tecnicamente medianos entre os jogadores que desempenham o papel de armadores e pivôs, porém com suas particularidades. Eles são responsáveis pela maioria das tentativas dos arremessos, conseqüentemente possuem o maior número de pontos por jogo, além de serem os jogadores que mais efetuam arremessos para 3 pontos; (3) os pivôs demonstraram uma grande diversidade quanto à habilidade técnica de arremesso, sendo também o jogador que mais efetua lance livre e arremessos para 2 pontos numa partida, além de fazer o maior número de bloqueios e pegar mais rebotes. No entanto, é o jogador que menos recebe a bola, quase não utiliza a habilidade técnica de drible e executa o menor número de passes no jogo.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	v
RESUMO	vi
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. PROBLEMA.....	1
1.2. JUSTIFICATIVA.....	2
1.3. OBJETIVO.....	2
1.3.1. Objetivo Geral.....	2
1.3.2. Objetivo Geral.....	2
1.4. HIPÓTESE.....	2
2. REVISÃO DE LITERATURA	3
2.1. INTRODUÇÃO AO BASQUETEBOL.....	3
2.1.1. Histórico do Surgimento do Basquetebol.....	3
2.1.2. O Basquetebol no Brasil.....	6
2.2. A EVOLUÇÃO DO BASQUETEBOL.....	7
2.2.1. Primeira Etapa (1891-1913) - “Estruturação do Jogo em Busca de Sua Identidade”.....	7
2.2.2. Segunda Etapa (1914-1945) – “A Defesa Supera o Ataque”.....	14
2.2.3. Terceira Etapa (1946-1959) – “O Ataque Supera a Defesa”.....	17
2.2.4. Quarta Etapa (1960-1976) – “A Defesa Supera o Ataque, Novamente”.....	20
2.2.5. Quinta Etapa (1977- ...) – “O Equilíbrio Entre Ataque & Defesa”.....	22
2.3. ESTUDO DAS HABILIDADES TÉCNICAS ANALISADAS.....	25
2.3.1. Estudo dos Arremessos.....	25
2.3.1.1. Arremesso de Jump.....	26
2.3.1.2. Arremesso de Gancho.....	27
2.3.1.3. Arremesso de Uma Mão.....	28
2.3.1.4. Arremesso de Duas Mãos.....	28
2.3.1.5. Arremesso de Bandeja.....	29
2.3.2. Estudo dos Passes.....	30
2.3.2.1. Passe de Peito	32

2.3.2.2. Passe Por Cima da Cabeça.....	32
2.3.2.3. Passe de Ombro/Beisebol e Passe de Arremesso.....	33
2.3.2.4. Passe de Gancho e Passe Estilo Boliche.....	33
2.3.3. Estudo do Drible.....	34
2.3.4. Estudo dos Rebotes.....	36
2.4. FUNÇÃO E CARACTERÍSTICAS DAS POSIÇÕES PRÉ-EXISTENTES NO BASQUETEBOL.....	38
2.4.1. Armador.....	39
2.4.2. Ala.....	39
2.4.3. Pivô.....	39
3. METODOLOGIA.....	41
3.1. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	41
3.2. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	41
3.3. POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	41
3.4. PROCEDIMENTO PARA A SELEÇÃO DA AMOSTRA E COLETA DE DADOS.....	41
3.5. VARIÁVEIS DE ESTUDO.....	43
3.6. TRATAMENTO ESTATÍSTICO.....	44
4. RESULTADOS.....	45
4.1. HABILIDADES TÉCNICAS DE ARREMESSO.....	45
4.2. HABILIDADES TÉCNICAS DE PASSE.....	48
4.3. HABILIDADES TÉCNICAS DE DRIBLE.....	49
4.4. HABILIDADES TÉCNICAS DE REBOTES E BLOQUEIOS/TOCOS.....	50
4.5. NÚMERO DE BOLAS ROUBADAS E PERDIDAS.....	51
4.6. NÚMERO DE POSSES DE BOLA E DAS AÇÕES DO JOGADOR COM A BOLA.....	51
5. DISCUSSÃO.....	53
5.1. ANÁLISE DA HABILIDADE TÉCNICA DE ARREMESSO.....	53
5.2. ANÁLISE DA HABILIDADE TÉCNICA DE PASSE.....	55
5.3. ANÁLISE DA HABILIDADE TÉCNICA DE DRIBLE.....	56
5.4. ANÁLISE DA HABILIDADE TÉCNICA DE REBOTE E BLOQUEIO/TOCO..	57
5.5. ANÁLISE DO NÚMERO DE BOLAS ROUBADAS E PERDIDAS.....	58
5.6. ANÁLISE DO NÚMERO DE POSSES DE BOLA E DAS AÇÕES DO	

JOGADOR COM A BOLA.....	59
5.7. ANÁLISE GERAL DAS FUNÇÕES ATRIBUÍDAS AOS JOGADORES DE BASQUETEBOL (ARMADORES, ALAS E PIVÔS).....	59
6. CONCLUSÃO.....	61
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXO.....	66

1. INTRODUÇÃO

1.1. Problema

O basquetebol surgiu em 1891, em Springfield, Massachusetts, nos Estados Unidos, quando James Naismith, buscava criar uma atividade física que pudesse ser praticada em recintos fechados, comportar grande número de jogadores, com baixa violência, e que fosse fácil de aprender (BETRÁN, 1998, p. 54).

Quase simultaneamente a sua difusão, esse jogo evoluiu em todo o mundo (DAIUTO, 1971), passando por várias transformações em suas regras, técnicas, táticas, materiais. Na busca de dominar estas evoluções, o basquetebol tornou-se um esporte com alto grau de complexidade técnica em seus movimentos. Naismith já alertava: “O basquetebol é um jogo fácil de jogar e difícil de dominar” (NAISMITH, in DAIUTO, 1971, p. 91). Tal complexidade técnica requer do praticante um longo período de assimilação de habilidades do basquetebol, assim como um planejamento e estruturação pedagógica para seu ensino. Um outro fator são as estratégias táticas, que determinam que certos jogadores desempenham uma ou mais funções específicas de armador, ala e pivô. A função atribuída aos jogadores que atuam na posição de armador é a de organizar e comandar o ritmo do jogo e possui como uma de suas principais características o drible. Os jogadores que atuam como alas possuem como característica técnica seus arremessos e infiltrações, além de também terem o drible o como uma forma de condução de bola importante para o desenvolvimento do jogo. Os pivôs são jogadores responsáveis pelo jogo mais próximo à cesta, caracterizado tecnicamente pela força e responsáveis pela maioria dos rebotes.

Devido as particularidades específicas e responsabilidades diferenciadas que os jogadores de basquetebol possuem, um jogador que desempenha uma certa função (ex. armador, ala ou pivô) poderia otimizar sua performance através do treinamento das técnicas relativas a posição mais solicitadas em jogo. Desta forma, o técnico poderia planejar o treinamento para que os fundamentos do jogo possam ser treinados com mais ênfase de acordo com a função de cada jogador. As técnicas menos utilizadas, ainda que importantes para o jogo, poderiam ser trabalhadas com menor enfoque, afim de que o período do treinamento pudesse ser utilizado de maneira mais efetiva.

O presente estudo visa diagnosticar a freqüência de utilização das habilidades técnicas utilizadas no basquetebol e sua relação com as funções atribuídas aos jogadores que desempenham a função de armadores, alas e pivôs. Tal identificação pode fornecer subsídios que possam propiciar melhorias na organização e no desenvolvimento do treinamento de basquetebol.

1.2. Justificativa

O diagnóstico da freqüência de utilização das habilidades técnicas no basquetebol, pode dar subsídios na preparação técnica dos jogadores, levando-se em conta as diferentes funções atribuídas aos jogadores de basquetebol (armadores, alas e pivôs), de acordo com as habilidades técnicas que lhe serão solicitadas no jogo. Um aperfeiçoamento específico destas funções atribuídas aos jogadores pode auxiliar na otimização da performance dos atletas, através de um treinamento planejado com ênfase na especificidade solicitada no jogo.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo Geral

Fornecer subsídios aos técnicos e atletas de basquetebol afim de que os mesmos possam organizar e desenvolver programas de treinamento mais efetivos.

1.3.2. Objetivo Específico

Verificar a freqüência de utilização dos fundamentos técnicos de basquetebol em jogadores que desempenham a função de armadores, alas e pivôs, na categoria adulto (acima de 21 anos) de jogadores profissionais que atuam em equipes participantes do campeonato nacional, da liga norte americana (NBA), da liga européia, e de seleções do campeonato mundial de diferentes países.

1.4. Hipóteses

H1 - Existem diferenças significativas na freqüência de utilização das habilidades técnicas utilizadas pelos jogadores que atuam na função de armadores, alas e pivôs, na categoria adulto (acima de 21 anos).

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Introdução ao Basquetebol

2.1.1. Histórico do Surgimento do Basquetebol

Devido ao longo e rigoroso inverno da cidade de Springfield, em Massachusetts (EUA), as atividades físicas ao ar livre eram extremamente comprometidas. As atividades desenvolvidas em recintos fechados se limitavam a entediadas aulas de ginásticas, ocasionando uma completa desmotivação dos estudantes do Colégio Internacional da Associação Cristã de Moços (ACM).

Designado por Dr. Luther Halsey Gulick, o diretor do colégio de Springfield, James Naismith foi o escolhido para solucionar o problema. Naismith, um professor canadense de 30 anos de idade, não desejava atender a tal chamado, no entanto, foi intimado a fazê-lo: *“Não desejava o trabalho... estava perfeitamente satisfeito com meu trabalho. Mas Dr. Gulick reafirmou desejar que eu o fizesse. Teria de fazer o trabalho ou abandonar tudo, o que me fez ficar bastante aborrecido (NAISMITH citado por DAIUTO, 1991, p. 71)”*.

Dr. Gulick apontava a Naismith dois pontos importantes na tarefa a ele designada: poderia ser inventado um novo jogo e o jogo deveria ser interessante ao grupo. Dr. Gulick, num de seus freqüentes seminários de psicologia com os professores, falava sobre invenções: *“Não há nada de novo sob o sol, pois todas as coisas novas são simplesmente uma recombinação de fatores de coisas já existentes (NAISMITH citando GULICK apud DAIUTO, 1991, p. 70)”*.

Naismith concluiu que fosse reconstituído fatores antigos e estabelecido os novos. Ou seja, teria que inventar um jogo aproveitando partes de jogos já conhecidos. No entanto, em suas primeiras tentativas reproduzindo atividades já conhecidas, porém, agora, em recinto fechado, foram frustrantes devido às conseqüências ocasionadas: *“Tentamos jogar rugby em recinto fechado, mas houve fraturas de braços e pernas dos jogadores. ...A seguir, experimentamos o futebol ‘association’, mas várias janelas foram quebradas. Depois tentamos o lacrosse, e quebramos alguns aparelhos de ginástica. Verificamos, então, que em tudo isso nada dava certo (NAISMITH citado por DAIUTO, 1991, p.71,72)”*.

Após um período de reflexão, Naismith faz uma análise das atividades físicas mais populares. O rugby era um deles, no entanto era muito violento, devido aos jogadores poderem correr com a bola e a agarrar uns aos outros. Concluiu então

que: “...Se não correremos com a bola não há necessidade de nos agarrarmos (NAISMITH citado por DAIUTO, 1991, p.72)”. Resolvendo o problema quanto a violência do jogo, decidiu que os jogadores não poderiam correr com a bola segura, mas deveriam quicar a bola ao realizar deslocamentos.

No entanto, outros problemas se firmavam ao analisar jogos em que não era permitido correr com a bola, como o futebol e o lacrosse. A pontuação era feita através de um arremesso que deveria ser feito com grande potência num alvo, pois este era protegido por um jogador, num gol perpendicular. O que ocasionou na destruição de alguns materiais do local.

Depois de analisar os pontos levantados e os objetivos, Naismith recordou de um jogo de sua infância, o “Affleck” (Pato no Rochedo). O *Affleck* era um jogo onde: “cada um dos participantes tinha uma pedra, chamada de ‘pato’; o ‘goleiro’ colocava sua pedra no cume do rochedo e os outros, a uma certa distância, tentavam alcançá-la com seus patos. O jogador que atingisse o alvo corria em sua direção para trazê-la para seu lugar, de modo a não permitir que o ‘goleiro’ a apanhasse e tentasse recolocá-la no cume do rochedo (DAIUTO, 1991, p.66).

A partir deste jogo, surge a idéia de se utilizar uma meta horizontal. A princípio, a idéia era colocar um círculo como marca, e utilizá-lo como meta, mas os jogadores defensores se colocariam ao seu redor, deixando impossível a obtenção de pontos. A solução foi elevar de alguma forma a meta, para que não fosse obstruído os arremessos, exigindo dos jogadores arremessos de precisão e habilidade, ao contrário de força e velocidade. Naismith, estava próximo de atingir seu objetivo. A bola escolhida seria redonda e grande, pois notou que nos esportes onde a bola era pequena, eram utilizados implementos como raquetes ou tacos, tornando o jogo mais complexo. No entanto, a bola não poderia ter formato irregular como a bola de rugby, deveria ser redonda (para os dribles) e leve (para os arremessos).

Após um levantamento das questões analisadas, foram escritas as primeiras regras do basquetebol, treze no total. Estas foram anexadas ao mural do ginásio para o primeiro experimento do jogo. Naismith utilizou uma bola de futebol para o primeiro experimento, pois esta se encaixava melhor em seu jogo. Ao encontrar o zelador do colégio “Pop” Stebbins, Naismith pede duas caixas quadradas de dezoito polegadas (45,72 cm), mas “Pop” lhe consegue apenas duas cestas velhas de

pêssego, mais ou menos do mesmo tamanho das caixas pedidas. As cestas foram fixadas, uma em cada extremo da galeria na altura de 10 pés (3,05m). Naismith afirma que, se a galeria tivesse outra altura, provavelmente as cestas seriam fixadas a esta altura.

Com as regras prontas, a bola do jogo e as cestas fixada, só falavam os jogadores. Naismith sabia que haveria uma certa aversão ao jogo devido às outras tentativas. No entanto, com um pouco de insistência por parte do professor canadense, iniciava a primeira partida de basquetebol. Naismith só teve o trabalho de retirar os alunos da quadra ou esgotar o tempo de jogo.

A diretoria do Colégio Internacional da Associação Cristã de Moços (ACM) aprova o jogo, sendo realizado em seu ginásio Armory Hill, no dia 11 de março de 1892, uma partida do esporte recém criado, onde os alunos venceram os professores pelo placar de 5 a 1, na presença de cerca de 200 pessoas. Até mesmo as professoras procuraram Naismith para praticar o novo jogo. Faltava apenas encontrar um nome para o novo jogo, Frank Mahan, um dos alunos de classe, sugere dar o nome de "*Naismith Ball*". Mas Naismith, como todo bom samaritano, prefere não ter seu nome no jogo, pois entendia que isto não auxiliaria na apresentação do jogo. O mesmo Mahan sugere então chamá-lo de "*Basket-ball*", tendo total aprovação de Naismith, que assim batiza o novo jogo.

Pouco tempo depois de seu nascimento, o basket-ball, começara a sofrer transformações. A bola de futebol association é substituída. O cesto de pêsssego passa a ser um anel metálico com uma rede nele pendurada. Tabelas foram colocadas para auxiliar os arremessos. As dimensões da quadra e o número de jogadores começam a se padronizar. O esporte inventado começa a se espalhar pelo mundo. Naismith presencia constantes transformações em seu jogo, no entanto, não poderia imaginar a extensão de sucesso alcançado pelo esporte que inventara.

Em 1936, nos Jogos Olímpicos de Berlim, Naismith lançou ao alto a bola que iniciou o primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas. O que demonstrava a grande amplitude alcançada pelo esporte que inventara. Atualmente, o esporte é praticado por mais de 300 milhões de pessoas no mundo inteiro, nos mais de 170 países filiados à FIBA.

2.1.2. O Basquetebol no Brasil

Auguste Farnham Shaw foi o responsável por tornar o Brasil o primeiro país da América do Sul e o quinto do mundo a conhecer o basquetebol. Shaw nasceu em Clayville, Nova Iorque, EUA, completou seus estudos na Universidade de Yale, graduando-se em Bacharelado em Artes e, posteriormente, tornando-se Mestre em Artes. Também foi em Yale que Shaw teve seu primeiro contato com o basquetebol.

O basquetebol aparece no Brasil em 1896, praticado inicialmente por alunas internas da escola americana do Mackenzie - SP, local onde Shaw é convidado para lecionar. A nova modalidade foi, inicialmente, mais aceita pelas mulheres, devido ao forte machismo e ao futebol trazido por Charles Miller em 1894, que se teve grande procura entre os homens. Mas, apesar da resistência, em 1896 se formava a primeira equipe de Shaw, tendo uma foto de sua equipe (a primeira equipe de basquetebol no Brasil), enviada ao Instituto Mackenzie nos Estados Unidos. Fazia parte desta equipe: Horácio Nogueira e Edgar de Barros, Pedro Saturnino, Augusto Marques Guerra, Theodoro Joyce, José Almeida e Mário Eppinghaus.

O novo esporte foi difundido em todo o país através do professor Oscar Thompson, da Escola Nacional de São Paulo e Henry J. Sims, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), do Rio de Janeiro. Shaw teve o privilégio de assistir a expansão do basquetebol vivendo no Brasil até 1914, posteriormente retorna aos Estados Unidos, onde falece em 1939.

O América foi o primeiro clube carioca a introduzir o basquetebol, onde Henry Sims teve papel fundamental ao convencer os dirigentes do clube após os primeiros torneios de basquetebol acontecidos em 1912, no ginásio da Quitanda nº 47, no centro do Rio de Janeiro. Três anos depois (1915) as regras do novo esporte estavam traduzidas para o português pela primeira vez, no mesmo ano em que fora realizado o primeiro torneio da América do Sul realizado pela ACM, com a participação de seis equipes.

O primeiro torneio oficializado foi realizado em 1919. Em 1922, a primeira seleção brasileira aparece em cena na comemoração do Centenário do Brasil nos Jogos Latino-Americanos, um torneio realizado com a participação do Brasil, Argentina e Uruguai, onde o Brasil foi contemplado com a conquista do primeiro

lugar no basquetebol. O Brasil, em 1930, também teve a participação no primeiro Campeonato Sul Americano de basquetebol em Montevideu.

Com o profissionalismo no futebol, em 1930, junto à criação de entidades especializadas em vários desportos, nasce a Federação Brasileira de Basketball, fundada em 25 de dezembro de 1933, no Rio de Janeiro. A partir de 26 de dezembro de 1941, passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Basketball.

O Brasil possui vários títulos, entre eles 2 títulos mundiais (1959, San Tiago; 1963, Rio de Janeiro), 2 vice-campeonatos mundiais (1954, Rio de Janeiro; 1970, Lubliana), 3 vezes em terceiro lugar em mundiais (1950, Buenos Aires; 1967, Montevideu; 1978, Manilla), além de outros títulos e medalhas de segundo e terceiro lugares conquistados em vários torneios de Pan-Americanos, Sul-Americanos e Olimpíadas.

2.2. A EVOLUÇÃO DO BASQUETEBOL

2.2.1. Primeira Etapa (1891-1913) – “Estruturação do Jogo em Busca de Sua Identidade”

□ O Basquetebol em 1891:

Evoluções das Regras e Histórico:

James Naismith, introdutor de Ed. Física em Springfield (Massachussets), inventa o Bola ao Cesto quando tinha 30 anos, em 1891. O jogo possuía um número de jogadores variáveis, Naismith recomendava que o jogo tivesse nove jogadores (três atacantes, três centros e três defensores) por equipe. Dentre as 13 regras estabelecidas para o basquetebol, em seu surgimento, estavam:

- Art. 1º – A bola deve ser atirada em qualquer direção com uma ou ambas as mãos;*
- Art. 2º – A bola deve ser batida em qualquer direção com uma ou ambas as mãos (nunca com os punhos cerrados).*
- Art. 3º – O jogador não pode correr com a bola. Ele é obrigado a atirar a bola do lugar onde a recebeu; somente lhe sendo permitido dar passos com a bola quando estiver tentando parar, depois de recebê-la na corrida;*
- Art. 4º – A bola deve ser segura pelas mãos; os braços ou o corpo não devem ser usados para o recebimento da bola;*
- Art. 5º – Não é permitido empurrar, segurar, trançar os pés ou tocar no adversário; a primeira infração deste artigo, por qualquer um dos jogadores, será contada como falta; a segunda o desclassificará;*
- Art. 6º – Considera-se falta bater na bola com os punhos cerrados, havendo transgressão dos artigos 1º, 2º e 3º;*
- Art. 7º – Se os componentes de um dos quatro praticarem três faltas consecutivas, contar-se-á uma cesta para o adversário (entende-se por “faltas consecutivas” o caso dos adversários não haverem cometido nenhuma falta neste meio tempo);*

- Art. 8^o – *Uma cesta é feita quando a bola é atirada ou batida do campo para dentro da cesta, ali permanecendo sem que qualquer dos defensores da cesta tenha tocado na mesma. No caso da bola ficar sobre a cesta e o adversário tocá-la, será marcado ponto;*
- Art. 9^o – *Quando a bola sai do campo, será devolvida pelo primeiro jogador que se apossar dela. Em caso de disputa, o fiscal a jogará no campo. O jogador que vai repor a bola em campo tem cinco segundos para fazê-lo, depois do que será dado ao adversário. Se qualquer dos quadros persistir em demorar o jogo, o fiscal deverá marcar falta contra o mesmo;*
- Art. 10^o – *O fiscal – “juiz dos homens”- observará principalmente os jogadores, devendo anotar as faltas e notificar o árbitro quando forem feitas três consecutivas. Ele tem poderes para desclassificar jogadores, de acordo com o artigo 5^o.*
- Art. 11^o – *O árbitro – “juiz da bola”- observará principalmente a bola, decidirá quando a mesma está em jogo, a que quadro pertence e marcará o tempo de jogo. Decidirá ainda quando é feita uma cesta, contará as mesmas e desencubir-se-á das demais obrigações comumente atribuídas aos juizes.*
- Art. 12^o – *O tempo de jogo será de dois tempos de quinze minutos cada um, com cinco minutos de intervalo.*
- Art. 13^o – *O Quadro que fizer maior número de pontos durante este tempo será declarado vencedor. Em caso de empate, por acordo entre capitães, a partida será prorrogada até que seja feita uma cesta.*

DAIUTO (1971, p.117,118).

- As metas eram dois “gols” (cestas ou caixas com cerca de 0,381m (15 polegadas) de diâmetro superior e de profundidade. Estes eram presos a cada extremidade do campo (quadra) a uma altura de 3,05 metros (dez pés) do solo. O objetivo do jogo era fazer com que a bola entrasse no gol adversário, sendo lançada com uma ou duas mãos, de qualquer parte do campo. O lance livre vale um ponto e a cesta vale três pontos e o jogador que faz duas faltas fica excluído do jogo até que alguém faça uma cesta. Qualquer jogador da equipe poderia executar os lances livres.
- Número de jogadores variáveis ainda que Naismith recomenda-se novos jogadores (três atacantes, três centros e três defensores) por equipe.
- O jogo possui dois tempos de 15 minutos, 5 minutos de descanso e era jogado com uma bola de futebol.
- O lance livre vale um ponto e a cesta vale três pontos.
- O jogador que faz duas faltas fica excluído do jogo até que alguém faça uma cesta.
- É jogado com as mãos e não se pode correr com a bola.
- A meta alta é horizontal e situada a 3,05m do chão.
- A quadra é rodeada por uma pista de atletismo, ambas situavam-se dentro de um ginásio que era utilizado para a prática de esportes durante o inverno.
- O campo possuía uma limitação especial concreta.

- Qualquer jogador da equipe pode executar os lances livres.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Se adaptam aos conceitos de organização do futebol e assim surgem dois defensores estáticos na zona defensiva, dois atacantes posicionáveis e um centro que coordena a ação dos atacantes e dos defensores.
- Depois se generalizam as ações conjuntas de cinco jogadores atacando contra cinco defendendo. Como consequência surge o princípio defensivo coletivo com a transição rápida ao ataque.
- As primeiras defesas eram do tipo individual: homem a homem. A primeira forma de ataque foi um contra – ataque desorganizado.

□ O Basquetebol em 1892:

Evolução das Regras e Histórico:

- As 13 regras estipuladas por Naismith são publicadas num jornal, órgão da escola ACM, The Triangle, sob o título de “Um Novo Jogo”.
- O basquetebol era jogado como um jogo de recreação, inicialmente comportando um número ilimitado de jogadores na maioria dos locais onde era praticado (na Universidade de Cornell o professor dividia sua turma de 100 alunos em dois times de 50).
- É realizado o primeiro jogo em público entre alunos e professores da ACM, os alunos vencem por 5 x 1 frente a um público de 200 pessoas. Neste jogo cada equipe era composta por 7 jogadores.
- Lew Allen of Hartford Co. faz cestas de arame forte entrelaçado para eliminar as cestas de pêssego originais.
- Pelas regras publicadas, uma partida era dirigida por dois juizes, ou seja, um árbitro e um fiscal. Um era chamado de juiz dos homens e outro de juiz da bola.

□ O Basquetebol em 1893:

Evolução das Regras e Histórico:

- Narraganset Machine Company constrói a primeira cesta com anel de ferro e rede de corda. A cesta fica parecida com o modelo atual, desaparece o fundo da mesma utilizando redes com cordas trançadas. Antes para retirar a bola, usava-se um bastão ou uma escada, até surgir um dispositivo que permitia abrir o fundo da rede, e posteriormente, o fundo aberto.
- Se autoriza o “pé de pivô”.

- O tempo de jogo passa a ser de duas partes de 20 minutos com 10 minutos de descanso.
- Em 22 de março, a Faculdade Smith, em Northampton Mass, é a primeira escola de mulheres a realizar um jogo de Basquete. Não se permitiu que nenhum homem assistisse à partida.
- Nos Estados Unidos a equipe de Vanderbilt vence a Nashville por 9 x 6.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Aparece o pé de pivô, oferecendo ao jogador maior movimentação e recursos.

❑ **O Basquetebol em 1894:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Limitação do espaço de jogo.
- Se adota uma bola maior, específica da bola ao cesto produzida pela Chicopee Falls de Massachusetts, com uma circunferência de 76 a 81 cm, eliminando as bolas de futebol antes utilizadas.
- É introduzida a regra de lance livre, é arremessado um lance livre a cada falta a 6,09 m de distância da cesta.

❑ **O Basquetebol em 1895:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Aparição da tabela para prevenir que os espectadores não interfiram no jogo a partir das pistas que circundam a quadra, pois todos os ginásios da época eram circuncidados por uma pista de atletismo.
- A linha do lance livre vai para 4,6m de distância da cesta.
- O Apontador e o Cronometrador fazem a função de Segundo Árbitro.
- O número de jogadores se fixam em cinco, permitindo-se as substituições. No estado de Iowa o time é formado por seis jogadores.
- É formada a equipe de Buffalo Germans, que se tornará famosa nos Estados Unidos.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Os arremessos exteriores eram feitos com as duas mãos e se pareciam com o passe de peito.
- Atual (arremesso “lavadeira” ou em espanhol o conhecido “cucmara”. Os arremessos próximos à cesta eram feitos com uma só mão.

❑ **O Basquetebol em 1896:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Se autoriza o drible com as duas mãos.
- Variam as pontuações, lance livre 01 ponto, cesta 02 pontos.
- August Shaw, professor do Mackenzie College de São Paulo, ao retornar dos Estados Unidos trás uma bola de basquetebol e apresenta o novo jogo no Brasil.
- É introduzido o profissionalismo nos Estados Unidos.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Aparece a tabela e com isso uma nova jogada, o rebote
 - ❑ **O Basquetebol em 1897:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Surge a obrigatoriedade de 5 jogadores para cada equipe.
- Nos Estados Unidos a AAU organiza em Nova Iorque, na YMCA (ACM), o primeiro torneio de basquetebol.
 - ❑ **O Basquetebol em 1898:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Introduzida a bola de couro na NBL.
- Nasce a NBL (National Basket-Ball League – Liga Nacional de Basquetebol) a primeira liga profissional, que durará cinco anos.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- O jogo era lento e estático, se comparado com o jogo atual.
- Existia uma minuciosa seleção do arremessador.
- Não era permitido o contato já que a habilidade se sobrepunha sobre a força.
 - ❑ **O Basquetebol em 1901:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Se proíbe fazer cesta depois de driblar.
- Nos Estados Unidos a Eastern Intercollegiate League organiza o primeiro campeonato Universitário.
 - ❑ **O Basquetebol em 1904:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Por ocasião das Olimpíadas de St. Lois, nos Estados Unidos, é feita a primeira demonstração de basquetebol.
- A Spalding publica o primeiro livro das técnicas do jogo.
 - ❑ **O Basquetebol em 1905:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Pela primeira vez é determinada uma data especial para o basquete, normalmente dia 12 de outubro.

□ O Basquetebol em 1906:

Evolução das Regras e Histórico:

- A tabela introduzida de forma obrigatória em todos os campos de bola ao cesto.
- É jogado pela primeira vez no Madison Square Garden de Nova Iorque, um torneio de basquetebol.

Evoluções Técnicas e Táticas:

➤ Surge o especialista em rebote, o reboteador, função que se torna a mais importante da época já que o número de arremessos falhos era muito elevado.

□ O Basquetebol em 1908:

Evolução das Regras e Histórico:

- Se proíbe driblar mais de uma vez (regra dos dois dribles).
- Os jogadores são expulsos do campo com 05 faltas.

□ O Basquetebol em 1909:

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Utilização das tabelas transparentes para permitir maior visibilidade dos espectadores.

□ O Basquetebol em 1910:

Evolução das Regras e Histórico:

- Se aplica a exclusão do campo com quatro faltas individuais.
- Torna-se obrigatório a participação de dois árbitros no jogo.

□ O Basquetebol em 1912:

Evolução das Regras e Histórico:

➤ O basquetebol é implantado definitivamente no Brasil sob o impulso de uma campanha iniciada pela Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro, de cuja sede, na rua de Quitanda, difundiu o basquete no Brasil.

□ O Basquetebol em 1915:

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Pode-se fazer cesta driblando que provocam ações individuais que até aquele momento não eram possíveis.

➤ Aparecem as primeiras regras em português, traduzidas por Itagiba R. Novais – D. F. Moutinho – Victor Augusto – Henry Sims.

❑ **O Basquetebol em 1920:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ A palavra basket-ball passou a ser escrita internacionalmente como basketball.

Evoluções Técnicas e Táticas:

➤ Chega ao Brasil o técnico Norte Americano, formado pela ACM, Fred Brown, trazido ao Rio de Janeiro pelo Fluminense Futebol Clube. Fred Brown foi responsável pelo avanço técnico-tático do basquetebol no Brasil, levando a modalidade a uma melhor organização com atuação em cursos técnicos, durante três anos, na liga carioca de basquetebol, em esforço que precedeu a criação da escola de Educação Física e Desportos.

❑ **O Basquetebol em 1921:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Aparece a figura do pivô de uma forma acidental, e o jogo interior entre o poste e o pivô.

❑ **O Basquetebol em 1922:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Nasce no Harlem, nos Estados Unidos, a Equipe Renaissance formada somente de jogadores negros. Bob Douglas, seu técnico, dirige a equipe por 22 anos, vencendo 2318 jogos e perdendo apenas 381.

❑ **O Basquetebol em 1924:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Jogador que recebe a falta deverá ser o cobrador do lance livre.

❑ **O Basquetebol em 1925:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Neste ano disputou-se o primeiro campeonato brasileiro, reunindo as equipes do Rio de Janeiro e São Paulo, com a vitória dos cariocas numa promoção da Confederação Brasileira de Desportos.

❑ **O Basquetebol em 1926:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Em Passadena, na Califórnia, organiza-se o primeiro torneio feminino.

❑ **O Basquetebol em 1927:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Em Chicago, nos Estados Unidos, um pequeno empresário, Abe Saperstein, troca o nome da sua equipe “Savoy Big Five” para Harlem Globetrotters, equipe esta formada só por jogadores negros, que se tornou famosa contribuindo com a difusão do basquetebol em diversos países.

□ O Basquetebol em 1929:

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Surge uma bola com o nome de Naismith.

□ O Basquetebol em 1930:

Evolução das Regras e Histórico:

➤ É fixado o tamanho e peso da bola, a circunferência da bola se reduz de 80 a 77,5cm e o peso de 896 a 868 gr.

➤ As ligas profissionais eliminam os dois dribles.

➤ É abolida a rede de proteção ao redor da quadra.

□ O Basquetebol em 1931:

Evolução das Regras e Histórico:

➤ É regulamentada a falta pessoal (dois arremessos livres são estabelecidos), e a falta técnica (arremesso livre).

➤ Se estabelecem as medidas do campo 26 X 5 + 2 X + 1.

Evoluções Técnicas e Táticas:

➤ Surge a possibilidade de eleição de arremessador, aparece então um especialista em lance livre.

2.2.2. Segunda Etapa (1914-1945) - “A Defesa Supera o Ataque”

Evoluções Técnicas e Táticas e Histórico:

➤ O treinador americano Anderson populariza a defesa em zonas que se impõem sobre a defesa individual. Esse sistema defensivo surgiu pouco antes de 1910, no leste dos EUA com o nome de “estilo de posição”, alcançando a popularidade na década de vinte, a partir daí esse sistema defensivo se considerava superior a marcação individual. (J. Naismith era contra a defesa zona) este tipo de defesa influencia na defesa individual com a concepção de flutuação e ajuda.

➤ Devido a deficiente técnica de arremessos de perto, triunfa a defesa zona. Os treinadores se dedicam a ensinar a técnica ofensiva individual de arremessos para

quebrar a hegemonia da defesa zona, analisando o equilíbrio do corpo, posição das pernas, trajetória parabólica da bola e outros fatores biomecânicos. “Na primeira etapa os passes e dribles não foram problema já que as defesas não eram pressionastes”.

- Surge a concepção do passe rápido, o “passe e corre”, “dá e segue”, “servir e ir”.
- Los Troy Trojans utilizava o contra-ataque como arma ofensiva de surpresa.

❑ **O Basquetebol em 1932:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Introduzido a regra dos 03 segundos (nos EUA) por iniciativa do treinador Clair Bee.
- Depois das cestas o jogo é reiniciado com a “bola ao ar” entre dois jogadores no meio de campo.
- Cada equipe se dispõem de 05 jogadores em campo e 02 reservas.
- É instituída a regra dos 10 segundos para o jogador com posse da bola passar de sua quadra defensiva para a ofensiva.
- É criada a FIBA (Federation International de Basketball Amateur), que contava com 141 países filiados até o ano de 1980.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Surge a defesa por zona, motivada pelo aparecimento de ações tática ofensivas como o bloqueio e sua continuação e a implantação da regra dos 03 segundos.

❑ **O Basquetebol em 1933:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Até este ano não existia 01 juiz arbitro, 01 auxiliar, 02 cronometradores, 02 anotadores e 02 árbitros de linha, desaparece o juiz auxiliar.
- A partir deste ano se uma equipe ficar com menos de 05 jogadores o jogo pode seguir.
- É fundada a Federação Brasileira de Basquetebol.

❑ **O Basquetebol em 1934:**

Evolução das Regras e Histórico:

- A superfície do campo deve ser dura evitando os campos de grama.

❑ **O Basquetebol em 1935:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Cada jogador pode ser reintegrado ao jogo dois vezes em cada partida.

- Variação da área do garrafão (1,80 x 5,20 m).
- Em caso de empate, são transcorridos dois os tempos extras do terceiro, ganhava a equipe que fizesse cesta primeiro.
- Harold Bunny Levitt, jogador americano, assinala 499 lances livres, consecutivos, numa quadra especial de Chicago.

❑ **O Basquetebol em 1936:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Se amplia o número de jogadores suplentes de 02 para 05.
- Se permite o pedido de tempo (time out), 03 por equipe.
- Depois da cesta o jogo é reiniciado pela equipe que tomou a cesta à linha de fundo de seu campo defensivo.
- Se inclui a linha de meio campo separando o ataque da defesa, normalizando o tempo de dez segundo de transição do campo de defesa para o campo de ataque.
- Passa a ser obrigatório o uso de tabelas de madeira pintadas de branco.
- O basquetebol é jogado pela primeira vez numa Olimpíada, em Berlim, com a participação na abertura de James Naismith na primeira partida.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Se populariza o arremesso com uma mão a cargo de Hank Luisetti. Antigamente só se utilizava o arremesso semelhante ao passe de peito.

❑ **O Basquetebol em 1938:**

Evolução das Regras e Histórico:

- James Naismith, o criador do basquetebol, morre com 78 anos.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Claire Bee inventa a defesa por zona 1-3-1 e mais adiante, em pouco tempo, Joe B. Hall pratica a mesma defesa 1-3-1 com “traps” (armadilhas).

❑ **O Basquetebol em 1939:**

Evolução das Regras e Histórico:

- A cesta se fixa à 1,22 m da linha de fundo para reduzir a saída de campo.

❑ **O Basquetebol em 1940:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Se aumenta para 02 o número de árbitros estabelecendo-se para jogos oficiais 02 árbitros, 01 cronometrador e 01 anotador.

- Pela primeira vez um jogo de basquetebol é transmitido pela televisão no Madison Square Garden entre as equipas de Pittsburgh e Fordham.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Branch Mc Cracken treinador do Indiana utilizava uma forma de contra ataque moderno como filosofia de jogo.

- **O Basquetebol em 1941:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Em substituição à Federação Brasileira de Basquetebol é criada a Confederação Brasileira de Basquetebol.

- **O Basquetebol em 1943:**

Evolução das Regras e Histórico:

- 1ª Copa feminina (Espanha).

- **O Basquetebol em 1944:**

Evolução das Regras:

- Número de substituições limitadas, o que comporta uma melhora estratégica.
- Cinco faltas individuais acarreta na expulsão do jogo (EUA).
- É vetada a interferência da bola na descendente após um arremesso (EUA).

- **O Basquetebol em 1945:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Se legaliza o regulamento do bloqueio (“toco”).

Evoluções Técnicas e Táticas:

- É inventada a inteirada por Bob Rorland nos EUA como ação técnica ofensiva eficaz na partida.
- O arremesso com salto (jump) é utilizado pela 1ª vez por Kenny Sailors da Universidade de Wyoming.

- **O Basquetebol em 1946:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Aparece na Europa as tabelas transparentes.
- Nasce a BAA liga profissional norte americana que daria origem à NBA atual.

2.2.3. Terceira Etapa (1946-1959) “O ataque supera a defesa.”

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Entre 1936 e 1948 se experimentam sistemas táticos defensivos que anulam as defesas por zona melhorando o ataque técnica e taticamente. Após a 2ª guerra mundial treinadores americanos e europeus estabelecem contatos periódicos (clínicas) melhorando o nível da Europa.
- De 1946 a 1951 o contra ataque é utilizado como sistema tático (Frank Anderson).
- Melhora a movimentação ofensiva no jogo, com trocas de ritmo e direção e recepção mais eficaz. O ataque utiliza-se mais das tentativas de penetração e arremessos obrigando a defesa a melhorar seus recursos contra o drible e rebote para os arremessos falhos.

❑ **O Basquetebol em 1948:**

Evolução das Regras e Histórico:

- O número de reservas passa para 7 e o tempo (time-out) a 4 pedidos.
- Direito de opção depois de uma falta entre o tiro livre e a saída de meio campo.
- Se permite levantar o pé do pivô para a saída do drible.
- Deve-se manter uma distância de 50 cm entre o defensor e o atacante.
- Na Europa é aceita a regra dos 3 segundos.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Surge o arremesso em suspensão no resto do mundo utilizado sobretudo pelos chineses e coreanos. A evolução do arremesso passa pelo estático, desde o peito com ambas as mãos, para o arremesso com uma mão, arremesso com salto e o arremesso em suspensão.

❑ **O Basquetebol em 1949:**

Evolução das Regras e Histórico:

- A F.I.B.A. modifica o garrafão ampliando as suas medidas (4,90 larg. – 1,20 profund. ante. – 3,60 profund. post) nos EUA eles mantêm suas medidas antigas.

❑ **O Basquetebol em 1950:**

Evolução das Regras e Histórico:

- É disputado o primeiro Campeonato Mundial entre países, em Buenos Aires, na Argentina. A Argentina consegue o primeiro lugar, os Estados Unidos o segundo e o Brasil o terceiro.

❑ **O Basquetebol em 1952:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Com o objetivo de lutar contra o gigantismo crescente se estabelecem 2 categorias: jogadores com mais de 1,90 e menos de 1,90; “esta regra nunca foi aplicada”.
- Se aumenta o n.º de tempo (time-out) para 4+1 nas prorrogações.
- Suspensão da opção do arremesso livre ou cobrança de lateral “banda” por cada falta efetuada nos últimos minutos.
- Um jogador é eliminado com a 5 faltas individuais, antes eram 4 ou 1 grave.
- Se introduz a regra dos 3 últimos minutos.
- É abolida a reposição da bola no fundo da quadra quando a equipe estiver na zona de ataque.
- Determinada a numeração dos jogadores de 4 a 15 nas camisas.
- Determinada a pintura do retângulo nas telas.
- O garrafão é ampliado.

❑ **O Basquetebol em 1954:**

Evolução das Regras e Histórico:

- A NBA concorda com as seguintes normas para a temporada 1954/1955: (1)Tempo de passe de bola de 24 segundos. A pontuação melhorou de 79,5 para 93,1 de média; (2) As equipes se dispõe de 5 faltas a partir daí são cobrados lances livres.
- No segundo Campeonato Mundial realizado no Rio de Janeiro (Maracanãzinho), os Estados Unidos sagra-se campeão e o Brasil consegue o segundo lugar.
- Frank Selvy, de Furman, assinala 100 pontos num jogo contra Newberry.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Deste modo os 48 minutos de jogo as ações se sucedem com grande fluidez como nunca antes havia sucedido.

❑ **O Basquetebol em 1955:**

Evolução das Regras e Histórico:

- Foi aprovada a bola de plástico ou de borracha.
- A Rússia apresenta um jogador de 2,29m – Akthaiev.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Bruce Drakes treinador da Universidade de Oklahoma criou o famoso “Shu Fle” (corta luz) constituiu a 1ª tentativa de coordenação de movimentos entre os 05 jogadores.

□ O Basquetebol em 1956

Evolução das Regras e Histórico:

- Se renova a regra que impede levantar o pé de pivô na saída do drible, antes que a bola saia da mão.
- O garrafão adquire uma forma trapézio.
- Se cria a regra dos 30 segundos evitando a perda de tempo e paradas de bola, as fases do jogo se tornam mais fluídas.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Aumenta espetacularmente o número de assistências por partida devido as melhores defesas provocarem que o jogador com a bola em penetração necessite da colaboração de seus companheiros para fazer a cesta.

□ O Basquetebol em 1959

Evolução das Regras e Histórico:

- O Brasil sagra-se campeão mundial pela primeira vez em San Tiago no Chile, os Estados Unidos conseguiram um segundo lugar e o Chile em terceiro.
- Jay Archer cria o Biddy-Basket, posteriormente denominado Mini-Basket.

2.2.4. Quarta Etapa (1960-1976) – “A Defesa Supera o Ataque, Novamente”

□ O Basquetebol em 1960:

Evolução das Regras e Histórico:

- A F.I.B.A em reunião inter-olímpica resolve:
- Durante os últimos 05 minutos cada falta se penaliza por tiro livre.
- Se decide não trocar mais as regras revisadas a cada 08 anos salvo casos excepcionais.
- Pouco tempo depois passaram a revisar as regras a cada 4 anos.
- As regras revisam e modificam periodicamente com critério a respeitar o espírito do jogo e o equilíbrio entre o ataque e a defesa, tendo em conta a evolução técnica e tática do Basquetebol.
- São eliminadas as regras anteriores de campo e os 10 segundos para passar para o campo ofensivo.
- É introduzido a regras dos 30s.
- Pela 1ª vez aparece contemplado no regulamento a figura do treinador.
- A retenção da bola por mais de 5 segundos sob pressão se efetua bola ao alto.

- O garrafão adquire forma de trapézio aumentando sua área.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Defesas em zonas tradicionais.
- Desenvolvimento dos fundamentos defensivos: posição defensiva, semi-interceptação, os deslizamentos defensivos e o rebote.
- Divulgação do arremesso de gancho, diferenciando-se das escalas: URSS e EUA.
- Desenvolvimento da zona de pressão, a qual é uma defesa surpresa, realizada como complemento de defesa homem a homem.
- Nesta década Bob Causy inventa a bandeja passante: a bola ao redor do corpo.

□ O Basquetebol em 1963:

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Em abril, no Rio de Janeiro, o Brasil torna-se bi-campeão mundial de basquetebol, tendo em segundo lugar a Iugoslávia e em terceiro a Rússia.

□ O Basquetebol em 1964:

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Se experimenta a mescla de defesas em um só ataque (zonas combinadas) – Jogos Olímpicos de Tóquio.
- Aparece nessas olimpíadas, a nível mundial, a zona de pressão, com objetivo de conseguir a bola antes dela chegar a cesta.
- John Wooden trabalha o condicionamento físico e seus jogadores são mestres absolutos em pressionar toda a quadra.

□ O Basquetebol em 1967:

Evoluções das Regras e Histórico:

- Se proíbe a enterrada NCAA.
- A ABA (American Basketball Association) introduz a cesta que vale três pontos.

□ O Basquetebol em 1968:

Evoluções das Regras e Histórico:

- É permitido o direito de opção nos lances livres pela troca se realiza na cobrança lateral nos últimos 5min.
- Se implanta a regra de campo anterior e a regra dos 10s durante os últimos 5min.
- Em Springfield é inaugurado o Naismith Memorial Hall of Fame, em homenagem ao inventor do basquetebol.

Evoluções Técnicas e Táticas:

➤ Os jogadores se convertem em autênticos caçadores da bola e acentuam ao máximo a pressão defensiva onde a bola é o objetivo principal a ser conquistado.

□ O Basquetebol em 1970:

Evolução das Regras e Histórico:

➤ O Brasil disputa o sexto campeonato mundial, ficando com um segundo lugar, a Iugoslávia ficou com o primeiro lugar e a Rússia com o terceiro.

□ O Basquetebol em 1972:

Evoluções das Regras e Histórico:

➤ A regra dos últimos 3 min desaparece (México, 68). A regra dos 10s e o campo anterior se aplicarão durante todo o jogo.

➤ É permitido ao jogador optar pelo lance livre ou o lateral.

➤ É contemplada a nível regulamentar a figura do treinador assistente.

Evoluções Técnicas e Táticas:

➤ Dean Smith apresenta nos EUA as defesas alternativas combinação sistemática de várias defesas. Cria o “Run and Jump”(Corre e Salta) defesa muito pressionante baseada nas faltas no ataque. Aparece a combinação tática ofensiva do “stack”.

□ O Basquetebol em 1975:

Evoluções Técnicas e Táticas:

➤ Desenvolvimento das defesas e ajustes (matchup) nos jogos olímpicos de Montreal.

□ O Basquetebol em 1976:

Evoluções das Regras e Histórico:

➤ A partir de 10 faltas por equipe em cada tempo pode-se arremessar 2 lances-livres.

➤ Se introduz a regra de 3 X 2 em lances-livres.

➤ Recebe um lance-livre adicional se ao receber uma falta, durante o arremesso ocorrer a cesta.

2.2.5. Quinta Etapa (1977- ...) – “O Equilíbrio Entre Ataque & Defesa”

□ O Basquetebol em 1977:

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Sistematiza-se o número de regras.

- O desenvolvimento do jogo é contínuo (sem paradas) dando conteúdo tático a todas as bases do jogo: defesa – contra-ataque – transição ofensiva – ataque repique defensivo.

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Aparece o arremesso de jump retificado.
- O desenvolvimento do jogo é contínuo (sem paradas) dando conteúdo tático a todas as bases do jogo: defesa – contra-ataque – transição ofensiva – ataque repique defensivo.
- Aperfeiçoamento do 1 X 1 convertendo na estrutura básica do ataque.
- Se cria a combinação tática do “split”.

□ O Basquetebol em 1978:

Evolução das Regras e Histórico:

- O Brasil consegue um terceiro lugar no mundial, tendo a Iugoslávia mais uma vez campeã, a Rússia ficou com o segundo lugar.

□ O Basquetebol em 1980:

Evolução das Regras e Histórico:

- Depois da cesta, pode-se solicitar tempo.
- Depois das 8 faltas pessoais por tempo, tem-se direito a 2 lances-livres.
- Não se permite o empate, haverá prorrogação até que uma equipe vença.
- A NBA aprova cestas de três pontos em seus campeonatos.

□ O Basquetebol em 1984:

Evoluções Técnicas e Táticas:

- Cria-se a linha de 3 pontos, a 6,25m da cesta.
- Com a aparição dos 3 pontos, desenvolve-se o aperfeiçoamento de técnica neste arremesso.
- Amplia-se o espaço do ataque, deixando o ataque mais aberto, beneficiando o jogo no interior, já que o espaço é maior e não existe sobra de tanta pressão defensiva.
- Se aperfeiçoa o equilíbrio entre o jogo interior e exterior.
- Importância do ritmo no jogo, todos os movimentos táticos de ataque possuem alternativas defensivas com o objetivo de impor um ritmo da partida desde a defesa.

□ O Basquetebol em 1988:

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Aparece a regra do set nos lances-livres a partir da 7ª falta da equipe adversária, com direito da opção.

➤ A NBA adota 3 árbitros para apitar cada partida.

□ **O Basquetebol em 1990:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ As pessoas com claro interesse estratégico são tidas como mal intencionadas (manipulação do cronômetro ao final de partida).

➤ Se perde o direito de optar.

➤ As faltas pessoais e técnicas são acumulativas.

➤ Não se pode mover os pés na cobrança de lateral.

➤ Se permite jogar por cima do aro por trajetória ascendente.

□ **O Basquetebol em 1992:**

Evolução das Regras e Histórico:

➤ Procura homogeneizar as regras com a da NBA em busca de um basquete espetáculo.

Evoluções Técnicas e Táticas:

➤ Tende-se ao treinamento de um jogador especialista.

2.3. ESTUDO DAS HABILIDADES TÉCNICAS ANALISADAS

2.3.1. Estudo Técnico dos Arremessos

Os arremessos são fundamentos utilizados no ataque para tentar atingir marcas de pontuação. Um jogador pode utilizar diversas formas de arremessos à cesta, dependendo sempre das adversidades propostas pelo momento do jogo. Vários autores apontam este fundamento como o mais importante do jogo, devendo ter grande espaço nos treinamentos.

MARQUES (1980, p. 38) coloca o arremesso à cesta como a consagração máxima do jogo, a sua apoteose, o próprio mistério colocado à prova, que nos enche de expectativa, entre tantos prazeres e desgostos a cada cesta feita ou errada. LOTUFO (1984, p.83) alerta a importância do fundamento técnico do arremesso, afirmando que: *“pouco adianta saber passar, girar, manejar com perfeição ao bola e o corpo, se não se pode arrematar um lance à cesta”*, acrescenta ainda que *“todos os jogadores devem ser bons encestadores, ...daí, a necessidade de praticar bastante esta habilidade”*. Esta prática deve seguir a especificidade do jogo, onde *“deve-se treinar o lançamento sob condições tão aproximadas quanto possível àquelas que se deparam num jogo”*, e lembra que, *“é essencial o treino regular para se obter precisão no lançamento”* (COLEMAN & RAY, 1976, p.42).

Para HAY (p. 206, 1981), objetivo no arremesso é muito semelhante ao passe, pois envolve a finalização do deslocamento da bola de uma posição (a mão ou as mãos do arremessador) para outra (o interior do arco). Hay completa sua idéia citando WOODEN (p.206, 1981), que define o arremesso como: *“um passe para a cesta”*.

FRACCAROLI (1981, p.160) classifica os arremessos de duas formas: arremessos parados e em movimento. Sendo ambos executados através de: duas mãos e uma das mãos. DAIUTO propõe as seguintes técnicas para os arremessos: jump, gancho, com uma mão, com duas mãos e bandeja.

LOTUFO (1984, p.93), aponta ainda mais dois estilos de arremesso, o tapinha e a enterrada. No tapinha, segundo as Regras Oficiais de Basketball e Manual dos Árbitros (1998, p.34, Art. 28.1.2), o jogador palmeia a bola com uma ou ambas as mãos na direção da cesta. E a enterrada, segundo as Regras Oficiais de Basketball e Manual dos Árbitros (1998, p.34, Art. 28.1.3), é feita quando o jogador força ou tenta forçar a bola para dentro da cesta, com uma ou ambas as mãos”.

“Na medida em que os jogadores melhoram seu jogo, criam o seu próprio estilo de arremesso, baseado nestas ações fundamentais de arremessar. No término de um drible, após ter-se escapado ao defensor, o atacante usará, normalmente, o lançamento de bandeja, se estiver próximo do cesto” COLEMAN & RAY (1976, p.43).

2.3.1.1. Arremesso de Jump

O arremesso de Jump foi utilizado pela 1ª vez em 1945 por Kenny Sailors da Universidade de Wyoming. COLEMAN & RAY (1976, p.48) colocam que, “talvez, este seja o arremesso mais eficaz no jogo atual, pois quando é utilizado com uma finta, torna-se muito difícil de defender, a menos que o defensor seja muito mais alto que o arremessador”.

Tal é a importância atribuída ao arremesso de Jump que, segundo MARQUES (1980, p.41), o basquetebol é uma competição de Jump. Se levarmos em consideração que este é o tipo de arremesso mais adotado e mais objetivo para o basquetebol, chegaremos à conclusão de que realmente o jogo é uma seqüência de Jumps certos e errados, bem feitos e mal feitos, equilibrados e desequilibrados, enfim, é o arremesso que mais tem dado trabalho aos técnicos e jogadores em geral, devido ao alto valor técnico”.

Basicamente o arremesso de Jump utiliza as duas mãos em sua execução, uma das mãos faz a empunhadura e o lançamento da bola, e a outra mão auxilia no domínio, equilíbrio e direção do arremesso. ALMEIDA (1998, p. 86-87), descreve a execução do movimento com os pés devem ficar afastados na linha dos ombros, com peso do corpo igualmente dividido entre eles; cotovelo da mão que arremessa logo abaixo da bola, apontando para a cesta; olhos voltados para a cesta e não para a bola; termine o movimento do arremesso com o braço estendido para cima em um ângulo maior que 45° e menor que 90° em relação ao chão; a mão deve ficar paralela ao chão com os dedos apontando para a cesta; joelhos, quadris e cotovelos flexionados antes do arremesso e estendidos ao final do movimento, quando a extensão estiver quase completa, flexione o punho rapidamente na direção da cesta; só os dedos devem tocar na bola, para facilitar a pegada e para que a bola deslize por eles durante o arremesso permitindo que seja feita uma trajetória em curva.

COLEMAN & RAY colocam cinco pontos onde o arremessador deve concentrar-se nas sessões de treinamento: “

(1) Procurar, em primeiro lugar, lançar a bola ao cesto – concentrar-se num ponto do aro antes, durante e depois da execução; (2) agarrar a bola com firmeza com as duas mãos, tendo os dedos afastados; (3) lançar com uma mão – o pulso deve ficar totalmente estendido antes da saída da bola; isto consegue-se com a aplicação de pressão da mão que não lança; (4) lançar com um movimento forte do punho e dos dedos – a finalização com o punho fornecendo um efeito retrógrado à bola quando ela sair dos dedos; (5) estar equilibrado e sob o controle durante o lançamento – isto habitá-lo-á a ter uma finalização suave e é essencial na obtenção da precisão. O equilíbrio começa nos pés; por isso, deve procurar-se uma posição de pés firme antes de se executar o lançamento”.

(COLEMAN & RAY, 1976, p.42)

2.3.1.2. Arremesso de Gancho

O arremesso de Gancho aparece por entre as décadas de 40 e 50 como mais uma opção de finalização. Segundo COLEMAN & RAY (1976, p.50) e LOTUFO (1984, p.89), este é um dos arremessos que o jogador que atua na posição de pivô deverá saber executar. Pois é usado nas imediações do cesto, sendo particularmente valioso se a bola for recebida quando o jogador estiver de costas para o cesto, pois o corpo protege o braço lançador da ação defensiva dos oponentes. LOTUFO (1984, p.89) aponta ainda o grande valor deste arremesso como sendo quase impossível a um arremesso de gancho ser interceptado por um defensor.

MARQUES (1980, p. 42) aponta que a técnica de arremesso gancho, vem sendo esquecida sem justificativas, afirmando que não há outro tipo de arremesso que o substitua, devido aos recursos que ele pode apresentar. Os pivôs, que jogam mais perto da cesta adversária, trabalhando sobre pressão constante, devido à limitação do espaço e por ser um local congestionado de jogadores, muitas vezes preferem correr uma infinidade de riscos do que arremessar de gancho, quando a maioria das vezes a posição dos defensores facilita a aplicação do mesmo.

DAITO (1971, pg. 250 e 265) descreve o arremesso de gancho a partir das seguintes movimentações: saltar com impulso na perna do lado oposto a mão que realizará o gancho, inclinando o corpo sobre o lado desta perna e, simultaneamente, descrever um semi-círculo com o braço que executa o arremesso ligeiramente flexionado, prendendo a bola por baixo. Ao atingir a altura máxima do salto, e estando a bola sobre a cabeça (com o braço estendido), terminar o movimento com forte movimento de punho, de cima para baixo e para fora. A bola deve ser segura

por ambas as mãos, depois o braço que executará o arremesso é estendido para fora tendo a bola colocada na altura dos ombros. No momento de soltar a bola, a palma da mão deve estar dirigida para cima, controlando a posse da mesma. O atleta deve estar com os olhos voltados para a cesta. A rotação de tronco acaba sendo um detalhe pessoal do movimento.

2.3.1.3. Arremesso de Uma Mão

O arremesso de uma mão, modelo de arremesso de Hank Luisetti, grande jogador da Universidade de Stanford, começa a se popularizar por volta de 1936. Foi o arremesso que posteriormente iria originar o arremesso de Jump, sendo este arremesso ensinado como seu molde de preparação no aprendizado. Este arremesso era mais utilizado para arremessos próximos à cesta.

Segundo MARQUES (1980, p. 40), o arremesso com uma das mãos já possui características mais propícias para a modalidade, pois partindo de uma posição relativamente alta chega ao seu final com elevação mais alta ainda, baseado, é claro, na aplicação correta de sua mecânica.

DAIUTO (1971, p. 216-217) aponta que, a posição básica deste arremesso constitui-se com o pé, correspondente ao lado da mão que efetuará o arremesso, um pouco a frente com o peso igualmente distribuído nas duas pernas. A bola é trazida próxima ao rosto (ligeiramente ao lado), estando a mão do arremesso por trás da bola, com os dedos bem separados e dirigidos para cima: simultaneamente à extensão das pernas e do tronco, o braço direito começa a ser estendido para cima e a mão esquerda, que apenas sustentava a bola, abandona-a; no final da extensão coordenada de pernas, tronco e braço, o peso do corpo passa para a perna da frente e a bola é impulsionada por um forte movimento de punho, de cima para baixo e para o lado.

2.3.1.4. Arremesso de Duas Mãos

O arremesso de duas mãos foi uma das primeiras técnicas de finalização utilizado no basquetebol, onde sua característica principal era a utilização das duas mãos de forma simultânea onde a bola é lançada da altura do peito. Este arremesso era mais utilizado para arremessos mais longos, feitos fora do garrafão. Este arremesso possui o mesmo princípio de biomecânica do passe de peito.

Segundo MARQUES (1980, p. 40), este arremesso (de peito com duas mãos), “já desapareceu do conceito dos técnicos, e a sua aplicação nos tempos de hoje, com a evolução do próprio jogo, obriga os jogadores a possuírem recursos mais amplos e objetivos”.

Segundo DAITO (1971, p. 154), a posição básica tem um dos pés ligeiramente a frente do outro, a bola é segura junto ao rosto com os dedos naturalmente estendidos e colocados por trás dos lados da bola, os cotovelos ficam junto ao corpo, e o peso deste igualmente distribuído nas duas pernas. O arremesso é feito através da extensão dos braços para cima e para frente e, simultaneamente estender as pernas e o tronco passando o peso do corpo para a perna da frente e, se necessário, dar um passo à frente. No final da extensão total do corpo (ponta dos pés), impulsionar a bola para o alto e para a frente, por um movimento de punho, realizado de cima para baixo e ligeiramente para os lados.

2.3.1.5. Arremesso de Bandeja

O arremesso de bandeja é um movimento quase que exclusivo a ser executado próximo à cesta. COLEMAN & RAY (1976, p. 44), afirmam que “esta forma de finalização deve ser dominado por todos os jogadores, pois forma a base a partir da qual se desenvolvem outros estilos de finalização para curtas distâncias.

MARQUES (1980, p. 39), conceitua o arremesso de bandeja como um tipo de arremesso que exige do atleta uma movimentação toda específica, onde, em sua execução, possui um começo, meio e fim, tal a sua finalidade e seus objetivos. Considera o como um lance importantíssimo para um jogo e para a própria manutenção de alguns outros, e que, apesar de possuir um altíssimo grau de complexidade, é um movimento de pura automatização e fácil assimilação por parte do atleta, mesmo que iniciante.

Neste arremesso a bola pode ser segura com uma ou duas mãos. Após o controle da mesma, o jogador desfruta de um deslocamento normalmente marcado com dois passos (dois tempos rítmicos), e realiza o arremesso. Este arremesso é caracterizado pela execução do lançamento da bola em durante um movimento de progressão do jogador, com o auxílio de “dois tempos rítmicos”, onde a bola pode ser arremessada, após o deslocamento, tomando o gesto do arremesso de uma mão, duas mãos, jump, gancho, ou outras variações.

2.3.2. Estudo dos Passes

A maioria dos autores preferem a utilização de classificações simples para o estudo dos passes, como LOTUFO (1984, p. 93) que classifica os passes pela sua execução com uma ou duas mãos. No entanto, podemos classificar os passes levando em consideração diversos pontos para uma análise mais apurada. Os passes podem ser analisados e classificados quanto a distância do deslocamento da bola, a trajetória da bola, o gesto técnico utilizado no lançamento da bola (biomecânica do movimento), uso das mãos no lançamento da bola e o deslocamento do jogador do jogador.

Quanto à distância de deslocamento da bola, encontramos basicamente: passes de curta distância (0-3 metros), média distância (3-8 metros) e longas (maiores que 8 metros). LOTUFO (1984, p. 93) observa que, em geral, nos passes mais próximos, usam-se mais as duas mãos, porque, normalmente, são mais seguros, ...e para as distâncias grandes, é preferível o passe com uma das mãos apenas, porque, assim, é possível arremessar a bola mais longe, com mais força e rapidez.

A trajetória da bola pode ser classificada como: retilínea (trajetória paralela ao solo, sem estar em contato com o mesmo), quicada no solo (quando a bola toca o solo uma ou mais vezes antes durante seu deslocamento), parabólica (quando a bola descreve uma parábola no ar, sem tocar o solo, durante seu deslocamento), rolada (quando a bola é rolada em contato com o solo durante seu deslocamento) e sem trajetória (“handoff” – quando a bola é entregue para outro jogador, vindo este pegar a bola da mão do jogador de seu time). É mais comum encontrar classificações do passe, quanto à trajetória da bola, apenas, quando a bola é quicada ou passada direto sem tocar o solo (Almeida, 1998; Coleman & Ray, 1976; Hay, 1998).

Quanto ao gesto técnico encontra-se, basicamente, os seguintes passes: de peito, por cima da cabeça, ombro ou estilo beisebol, gancho e boliche (com uma ou duas mãos). Outras formas de passes foram identificados em literaturas, como: passe em forma de arremesso, passe por trás do corpo, passe lateral (semelhante a um gancho feito lateralmente),... , no entanto estes, normalmente, são apontados como passes especiais, tendo apenas um ou outro apontado por diferentes autores como um passe fundamental ou básico para o jogo.

O uso das mãos no lançamento da bola diz respeito a colocação dos autores ALMEIDA (1998, p. 64, 65, 71, 72, 81), LOTUFO (1984, p. 93), que colocam a execução dos passes de duas formas: com uma das mãos e com as duas mãos no lançamento da bola.

Outro fator a ser observado é o deslocamento do jogador durante a exceção do passe, onde ele pode se encontrar “parado” (sem o uso dos dois tempos rítmicos, ou durante um salto) ou em deslocamento (durante um salto ou movimentando-se com o auxílio dos “dois tempos rítmicos”).

Diversas definições são encontradas a respeito do passe e sua importância. Segundo HAY (1998, p.193), o objetivo de um jogador realizar um passe é completar um deslocamento da bola, de sua mão ou mãos, para um companheiro de uma equipe pré-determinada. Exceto em casos relativamente raros (por exemplo, no caso de algumas entregas de bolas na mão que um jogador pode utilizar ou nos casos, ainda mais raros, de um passe rolado pelo chão), essa tarefa envolve movimento da bola através do ar.

FRACCAROLI (1981, p.158), afirma que é necessário a utilização dos passes para levar a bola de uma posição da quadra que permita o atleta recebedor efetuar o seu arremesso com segurança. Sendo o passe, o ato de transportar a bola de uma mão para a outra de seu companheiro, que poderá ser executado com uma ou duas mãos. LOTUFO (1984, p.92) coloca que o jogo de basquetebol consiste , fundamentalmente, na sua forma primária, em passar a bola, acrescenta ainda que: para vencer, é indispensável ser hábil nos passes.

Semelhantemente a LOTUFO, MARQUES (1980, p. 26) coloca o passe como a própria dinâmica do jogo, sua essência, sua compreensão, onde o jogo passa a ter uma dependência muito grande desse fundamento, e as posições de jogadas não subsistirão se levarmos em conta sua má aplicação.

DAIUTO (1971, p.209), ressalta a importância dos passes no jogo de basquetebol como constituintes de um coroamento do trabalho bem orientado e dirigido na formação e organização de qualquer equipe. COLEMAN & RAY (1976, p. 36), acrescentam que, o repertório de passes de um jogador tornar-se-á mais diversificado com o melhoramento da qualidade de seu jogo.

As técnicas mais apontadas para os passes compreendem: passe de peito, passe por cima da cabeça, passe de ombro, passe de gancho, passe por baixo com uma ou duas mãos (MARQUES 1980, p. 26-31; DAIUTO, 1971, p.127,166,209, 250).

2.3.2.1. Passe de Peito

Para MARQUES (1980, p.27, 28), o passe de peito é aquele que caracteriza a própria modalidade. Aponta também que sua utilização vem diminuindo em função das defesas mais agressivas, mas que, apesar de suas limitações, ainda é o passe mais seguro do jogo.

DAIUTO (1971, p. 127) descreve sua execução da seguinte forma: a bola é segura com as duas mãos, os cotovelos ficam naturalmente junto ao corpo: estender horizontalmente os braços à frente, em direção a quem vai receber a bola, dando simultaneamente, um passo à frente. No final da extensão dos braços, com um movimento brusco dos pulsos, de cima para baixo e para os lados, impulsionar a bola para frente, dando-lhe movimento de rotação, de cima para baixo.

2.3.2.2. Passe Por Cima da Cabeça

MARQUES (1980, p. 28) considera o passe por cima da cabeça, juntamente com o passe de ombro, atualmente, um dos passes mais utilizados. O motivo se deve à aproximação dos defensores que, ao assumirem as suas posições estratégicas de desarme, faz mais fácil ao atacante a alternativa do passe por cima da cabeça...

MARQUES (1980, p. 29) possui a mesma análise que COLEMAN & RAY (1976, p. 35), quanto à aplicação deste passe aos pivôs, tanto no recebimento, como na execução deste passe.

DAIUTO (1971, p. 209) descreve a execução do passe por cima da cabeça, com o jogador iniciando em uma posição onde um dos pés está com um pequeno afastamento para a frente, sendo menor a flexão das pernas e do tronco; a bola, segura corretamente é trazida para cima da cabeça (nunca para trás), com os braços semi-flexionados, cotovelos para a frente e ligeiramente para os lados: estender os braços para frente, até a altura dos olhos, e terminar a extensão com um movimento de pulso de cima para baixo e um pouco para os lados; simultaneamente, a perna pode ser levada mais a frente do corpo.

2.3.2.3. Passe de Ombro/Beisebol e Passe de Arremesso

Para MARQUES (1980, p.28) o passe de ombro é mais conhecido como passe de beisebol (estilo beisebol), ... atualmente é a arma mais empregada por todos os jogadores que já adquiriram na aprendizagem um maior domínio da bola. LOTUFO(1984, p.98) justifica a colocação de Marques colocando a falta de segurança e o tempo em que este passe requer para sua execução, como as objeções.

DAIUTO (1971, p. 166) descreve o passe de ombro, sendo executado com a perna oposta ao braço que vai executar o passe ligeiramente à frente; a bola é conduzida pelas duas mãos para cima do ombro, à altura da cabeça, estando a mão direita por trás, com os dedos dirigidos para cima, e à esquerda, à frente da bola. Avançando a perna direita em relação a quem vai receber o passe, estender totalmente o braço à frente, finalizando o movimento com a brusca extensão do pulso para baixo e para fora. Há ligeira rotação do tronco para o lado da perna avançada.

O Passe estilo arremesso, possui os mesmos princípios biomecânicos no lançamento da bola do passe de ombro. Apenas alguns pontos se diferem, tendo a forma com que a bola é segura como ponto relevante, onde a empunhadura da bola é feita com as duas mãos até o lançamento (com uma das mãos executando o lançamento), diferente do passe de ombro onde a bola após a empunhadura de controle da bola com as duas mãos deve ser equilibrada para trás com apenas uma das mãos (a que irá efetuar o lançamento).

2.3.2.4. Passe de Gancho e Passe Estilo Boliche

Segundo MARQUES (1980, p. 29), o passe de gancho é o menos usado no jogo, a exemplo do arremesso que recebe o mesmo nome. Sua aplicação possui riscos grandes, porque a trajetória da bola é variável e a curva provocada pelo grande percurso possibilita em muitos casos a sua interceptação. Seu pouco uso, dá-se também, devido ao aprimoramento da técnica do passe de ombro e o seu maior aproveitamento no jogo. É um tipo de passe que exige uma mecânica perfeita de movimentos e de um certo espaço livre para o jogador que o executa.

DAIUTO (1971, p. 250) sugere que durante o passe de gancho, o atleta deverá tomar o cuidado de: não levar a bola para cima da cabeça; descrever um

semicírculo com o braço na frente do corpo, e não ao lado deste; o braço que executará o semicírculo deverá estar ligeiramente flexionado, segurando a bola por baixo com a mão; estando a bola sobre a cabeça (braço estendido), terminar o movimento com um forte movimento de punho, de cima para baixo e para fora.

O passe por baixo com uma ou duas mãos, também conhecido como passe estilo boliche, é um passe encontrado com menos frequência no basquetebol atual. DAIUTO (1971, p. 250) já alertava na década de 70 afirmando que este tipo de passe possui sua execução lenta, não sendo muito usado até mesmo na década de 60 e 70.

DAIUTO (1970, p. 220), descreve sua execução do passe estilo boliche iniciando com uma das pernas a frente, sendo a bola conduzida para trás, no lado correspondente à perna de trás. Os braços devem estar ligeiramente flexionados, o impulso é dado à bola através da extensão de um ou dos dois braços à frente, terminando com o movimento de punho.

2.3.3. Estudo do Drible

COLEMAN & RAY (1976, p. 54) ressaltam a importância do drible no desenvolvimento das potencialidades do jogador no jogo, onde o drible irá habituar o jogador a movimentar-se com a bola, aumentando assim a sua mobilidade quando estiver a atacar. No entanto, alertam que, este recurso não deve ser utilizado sem um propósito, pois ao receber a bola, um jogador se encontra em posição de “tríplice ameaça”, onde o jogador poderá arremessar, passar ou driblar a bola. O drible auxilia na mobilidade dificultando a ação do defensor, mas uma vez utilizado o drible, a mobilidade é reduzida, facilitando pouco mais o trabalho do defensor.

Apesar da colocação de Coleman & Ray, LOTUFO aponta que a utilização do drible quanto recurso tático do jogo, é muito discutido:

“Uns o impugnam não só porque destrói o conjunto, permanecendo quatro jogadores parados à espera deste estilo individual, como também torna o jogo mais lento que o passe, permitindo à defesa colocar-se e marcar os adversários. Acresce que, em geral, dá origem ao jogo bruto, além de serem poucos os jogadores hábeis no drible, sendo freqüente que a insistência em driblar prejudique completamente o ataque. Tem, contudo, seus valores técnicos bem apreciáveis, como, por exemplo, quando visa afastar os adversários da defesa, levando-os para as extremas do campo”.

(LOTUFO, 1984, p.105)

O Técnico Buck O'Connor, da Universidade de Iowa, coloca que, quando usado com propriedade, o drible é um trunfo no basquetebol, é a coisa que mais

pode prejudicar num jogo de basquetebol. Bem dosado, torna-se uma arma poderosa (O'CONNOR apud. LOTUFO, 1984, p.105).

DAIUTO (1971, p. 167) sugere que o drible seja realizado com o corpo curvado para frente, pernas semi-flexionadas, cabeça erguida, braços semi-flexionados, mãos descontraídas, dedos separados: conservando a bola a frente e um pouco ao lado do corpo, empurrando-a (e não batendo) de encontro ao solo, de modo que o movimento seja feito da cintura (ou menos) para baixo. A variação das batidas da bola no solo; a alternância de trabalho de mãos, coordenado com a movimentação dos pés; as partidas e paradas bruscas e, em especial o hábito de não olhar para a bola ou o solo durante o drible, são recomendações que devem ser feitas com muita insistência.

Segundo HAY (1981, p. 205), o movimento do drible é iniciado colocando-se uma das mãos sobre a parte de cima da bola, estendendo-se o cotovelo e flexionando-se o punho e os dedos, com isso empurrando para baixo em direção ao solo. Em seguida conforme a bola se eleva, uma das mãos (geralmente a mesma que a empurrou para baixo) é colocada sobre a parte de cima da bola e o procedimento é invertido. O punho e o cotovelo flexionam conforme a mão acompanha a bola para cima até o ponto mais alto de seu ricochete.

Segundo as Regras Oficiais de Basketball e Manual dos Árbitros (1998, Art. 37.1. e Art. 37.2., p. 41), um drible começa quando um jogador, tendo conseguido o controle da bola atira-a, dá-lhe tapas ou rola-a pelo piso tocando-a de novo antes que toque outro jogador. O drible é completado no instante que o jogador toca a bola simultaneamente com ambas as mãos ou permite que a bola venha parar em uma ou ambas as mãos.

O drible pode ser analisado de diversas formas, de acordo com os aspectos constituintes desta habilidade técnica. Uma forma mais minuciosa para a análise deste fundamento é dividi-lo considerando os aspectos mais relevantes, sem desconsiderar os pontos de menor importância que também fazem parte desta habilidade técnica. No estudo do drible, deve ser considerado os seguintes aspectos: a sua finalidade, característica ou forma de execução, altura de execução e suas fintas.

Quanto a finalidade podemos encontrar: drible em direção à cesta objetivando uma infiltração ("cortada") para fazer um arremesso, executar uma "cortada" para

fazer uma assistência (atrair a marcação ou ajuda defensiva para deixar alguém livre), drible com proteção da bola para execução de um arremesso (mais observado em pivôs), drible com proteção para a execução de um passe ou assistência a outro jogador (mais observado nos armadores e pivôs), drible para transição da quadra defensiva para ofensiva num ataque ou contra-ataque (mais observado nos armadores e alas), gasto de tempo (mais observado nos armadores), ...

Quanto à característica ou forma, podemos dividi-lo em: drible com mudança de ritmo ou velocidade, drible com mudança de direção e drible com proteção. Estes nem sempre são executados separados, mas na maioria das vezes combinam-se entre si quando o drible é realizado.

Em relação à altura podemos encontrar dribles altos (executados com a bola subindo pouco acima da cintura do driblador (mais verificados em dribles de velocidade), dribles médios (mais ou menos na altura da cintura do driblador) e dribles baixos (mais ou menos na altura dos joelhos do driblador).

As fintas executadas nos dribles são diversas, mas em literaturas de aprendizagem das técnicas e fundamentos encontramos basicamente: drible de uma mão para a outra a frente do corpo (“trocas de mão”) alta, média e baixa; finta com o corpo, sem a troca da mão que realiza o drible; drible da bola por trás do corpo; giros utilizando o drible; drible da bola entre as pernas da frente para trás e de trás para a frente; e fintas combinadas (estas ou outras fintas combinadas na execução).

2.3.4. Estudo dos Rebotes

Em um jogo de basquetebol, toda vez que houver uma tentativa de arremesso os jogadores deverão se posicionar de tal forma que, se a cesta não for convertida, eles estarão em condições de conseguir a posse da bola. O ato de recuperar a bola após um arremesso não convertido é denominado rebote (FERREIRA, 2001).

Para DAIUTO (1971, p. 240-241), o modo mais provável de ser obtido a posse de bola, excetuando-se as ocasiões em que o adversário obtém a cesta, é por intermédio do rebote. Assim sendo, e considerando ainda que no basquetebol moderno é muito grande o número de arremessos a cesta, é natural que esse fundamento mereça maior atenção tanto dos jogadores como dos técnicos.

Os rebotes podem ser classificados como rebotes defensivos e rebotes ofensivos (DAIUTO, 1971 p. 240-241; FERREIRA, 2001). Os rebotes ofensivos são aqueles

obtidos após um arremesso falho, quando a equipe esta a atacar. Os rebotes defensivos são aqueles obtidos após um arremesso falho executado pela equipe adversária, enquanto o time está a defender. DAIUTO (1971 p. 240-241) coloca que no rebote ofensivo, o atacante procurará colocar-se a frente de seu adversário que, em geral, estava entre ele e a cesta; e no rebote defensivo, o defensor age da mesma maneira, isto é, evitando a entrada do atacante ou, pelo menos, atrasando essa tentativa de melhor colocação.

DAIUTO (1971, p. 240-241) aponta que, a eficiência do rebote é sempre relativa às qualidades técnicas dos elementos que compõem a equipe. A estatura do jogador é, sem dúvida, fator da maior importância, mas não podemos deixar de reconhecer que a ausência de boas condições técnicas poderá diminuir consideravelmente as possibilidades do elemento de boa estatura, que poderá inclusive, ser superado pelo jogador de menor estatura e maior técnica individual.

Individualmente as características do bom jogador de rebote são: colocação em relação à cesta e aos oponentes, eficiência e precisão do salto, coordenação de movimentos, agressividade, determinação, resistência e bons conhecimentos dos fundamentos básicos do rebote (DAIUTO, 1971, p. 240-241).

A habilidade técnica para a aquisição do rebote deve ser iniciada no instante em que a bola deixa as mãos de um jogador no ato de arremesso. Exatamente nesse instante, o jogador deve posicionar-se tomando a posição básica, a fim de poder executar um bloqueio, para evitar com que outro jogador da equipe adversária ocupe aquele espaço, e saltar com grande impulso para a tentativa da aquisição da bola. Existem diversas formações táticas para a tentativa de garantir um maior número de rebotes, no entanto, há basicamente uma técnica individual para fazê-lo, o bloqueio para o rebote.

O bloqueio para o rebote ou “escoramento” é a técnica mais básica e eficaz para a aquisição do rebote, ele consiste basicamente em evitar com que o adversário ocupe determinado espaço onde a provavelmente a bola irá após um arremesso falho, ou seja, nas proximidades da cesta. O bloqueio para o rebote consiste basicamente em projetar o próprio corpo como uma forma de escudo, colocando-se entre o adversário e a cesta, para bloquear a passagem do adversário, ou mesmo para afastá-lo de um local provável para a aquisição da bola.

DAIUTO (1971, p.240-241) recomenda que a técnica de bloqueio para o rebote deve atender a alguns pontos como não acompanhar a trajetória inicial da bola, não se colocar muito em baixo da cesta, virar-se de frente para a tabela, estar atento aos movimentos iniciais do seu oponente e ter cuidado para evitar as faltas pessoais desnecessárias.

Qualquer que seja o sistema adotado para o rebote ofensivo ou defensivo da equipe, a eficiência do mesmo será sempre relativa à capacidade individual dos integrantes do quadro. Tendo sempre a execução correta do bloqueio individual como elemento facilitador para a aquisição do rebote (DAIUTO, 1971, p. 159, 160).

2.4. Função e Características das Posições Preexistentes no Basquetebol

As formações táticas do jogo de basquetebol, toma como base os jogos em ascensão da época. Com o seu desenvolver o jogo começa a possuir suas próprias peculiaridades. Inicialmente, as funções atribuídas aos jogadores, quando o basquetebol ainda era jogado com nove jogadores, eram de três laterais, três centrais e três defensores. Nas partidas posteriormente disputadas com cinco jogadores, se adotava os conceitos de organização do futebol com dois defensores estáticos na área defensiva, dois laterais e um centro que coordenava as ações dos atacantes e dos defensores (BETRÁN, 1998, p. 55).

Posteriormente, seguindo o modelo de um jogador central, que coordenava as ações dos outros jogadores, dois laterais e dois defensores, começa a aparecer a figura do armador, ala e pivô. Em geral, a formação mais simples do basquetebol apresenta esta configuração de jogo. Entretanto, tem-se hoje outras formas de configuração de jogo, com 3 ou apenas 1 pivô (não 2), 2 armadores (não apenas 1), apenas 1 ala (não 2), variando as combinações conforme os objetivos e opções táticas e de jogadores que um time pode apresentar.

COLEMAN & RAY (1976, p.14) faz uma outra colocação importante a respeito das funções atribuídas às posições, colocando que as posições de jogo não são rígidas, pois quando a jogada de ataque se desenrola o armador pode encontrar-se a jogar na área do ala. É variável o número de jogadores que uma equipe pode usar em cada uma das posições, dependendo esta variação das táticas escolhidas pelo técnico. No entanto, a própria técnica individual de jogo é capaz de caracterizar um jogador.

2.4.1. Armador

COLEMAN & RAY (1976, p.14) afirma que, “o jogador que toma a posição de armador atuará geralmente, quando a sua equipe esta a atacar, na área do campo compreendida entre a linha central e a linha do lance livre, prolongada até as linhas laterais. É normalmente um dos jogadores mais baixos da equipe e tem responsabilidade de fazer progredir a bola, no campo, logo que a sua equipe passe a atacar. Terá de ser bom driblador e capaz de lançar de uma distância situada entre os 4,5m e os 7,5m do cesto. O armador com talento sabe usar o drible para se aproximar do cesto, não somente para lançar, mas também para chamar a si a defesa, podendo passar a um companheiro que se encontre numa melhor posição de lançamento. Isto exige que seja bom passador e capaz de “ler” a movimentação dos colegas, para no momento exato passar a bola. O jogador que ocupa a posição de base é freqüentemente um dos jogadores mais experientes, pois desta posição ele pode dirigir o jogo atacante da sua equipe. Por esta razão o armador pode ser referido como “playmaker” (ordenado do jogo), ou, usando-se o termo do futebol americano, “quarter-back” (jogador de futebol americano responsável por chamar as jogadas, coordená-las e iniciá-las).

2.4.2. Ala

COLEMAN & RAY (1976, p.14) afirma que, “os alas, quando a sua equipe ataca, jogam na área do campo compreendida entre a área restritiva (área dos três segundos- garrafão) e as linhas laterais, quer seja do lado direito, quer esquerdo. Serão dos jogadores mais altos da equipe que: têm de entrar bem para o cesto em drible (drive, cortada ou infiltração) e lançar com precisão, dos cantos e dos lados do campo. Devem estar preparados para bloquear, afim de ajudar a libertar um colega para o lançamento, e também disputar os ressaltos/rebotes resultantes de lançamentos errados executados pelos companheiros”.

2.4.3. Pivô

COLEMAN & RAY (1976, p.14) afirma que, “o jogador escolhido para jogar na posição de pivô é, geralmente, o elemento mais alto da equipe; joga perto do cesto quando a sua equipe ataca. São exigidos ao jogador pivô as seguintes práticas: arremessar bem perto da cesta (normalmente sob pressão, resultante da marcação

cerrada feita pelo adversário); ter a destreza de se libertar, a fim de receber um passe, ou colocar-se junto do cesto para disputar arduamente os rebotes.

3. METODOLOGIA

3.1. Delimitação do Estudo

O presente estudo procura verificar a frequência de utilização dos fundamentos técnicos de basquetebol em jogadores que desempenham a função de armadores, alas e pivôs, na categoria adulto (acima de 21 anos) de jogadores profissionais que atuam em equipes participantes do Campeonato Brasileiro, da Liga Européia, seleções de diferentes países participantes do Campeonato Mundial e jogos da Associação Nacional de Basquetebol dos Estados Unidos (NBA).

3.2. Caracterização do Estudo

A pesquisa utilizada é de caráter observacional descritiva, que objetiva descrever quantitativamente a frequência de utilização dos fundamentos técnicos de basquetebol para direcionar o planejamento e desenvolvimento do processo de treinamento.

3.3. População e Amostra

A população foi composta por atletas profissionais do sexo masculino da categoria adulto (acima de 21 anos). A amostra foi retirada de 9 equipes que disputam o Campeonato Nacional Brasileiro (1996 e 1997), 12 seleções de países que participaram do Campeonato Mundial em Indianápolis - USA (2002), 5 equipes da Liga Norte Americana (2002) e 5 equipes da Liga Européia de basquetebol (2002).

3.4. Procedimento para a Seleção da Amostra e Coleta de Dados

Os dados foram obtidos a partir da análise de fitas de vídeo dos jogos gravados durante as temporadas de 1996-1997 do Campeonato Nacional Brasileiro (9 equipes; 8 jogos), do Campeonato Mundial de 2002 de Indianápolis – EUA (12 equipes; 10 jogos), Liga Norte Americana da temporada de 2002/2003 (6 equipes; 6 jogos) e da Liga Européia na temporada de 2002/2003 (6 equipes; 3 jogos). Num total, foram analisados 27 jogos e 33 equipes. Os times brasileiros analisados foram: Corinthians Pony, Franca Coogar, Banco Bandeirantes, Report Valtra, Flamengo Petrobrás, Grande Londrina Ametur, Mogi Report, Joinville e Ginástico. Os times de seleções de países analisados foram: Alemanha, Argentina, Argélia, Brasil,

Espanha, Estados Unidos, Iugoslávia, Líbano, Nova Zelândia, Porto Rico, Turquia e Venezuela. Os times da liga norte americana analisados foram: Dallas Mavericks, Houston Rockets, New Jersey Nets, Philadelphia 76ers, San Antonio Spurs e Toronto Raptors. Os times da liga europeia analisados foram: Adecco ASVEL (França), CSKA Moscow (Rússia), Efes Pilsen (Turquia), Macabi Elite Tel Aviv (Israel), Paul-Orthez (França) e Tau Ceramica (Espanha). Os dados foram coletados por meio de um scout específico para quantificar a frequência de utilização dos fundamentos utilizados pelas funções dos jogadores Armadores, Alas e Pivôs (vide anexo 01). Os fundamentos técnicos de arremessos, passes e dribles foram identificados a partir da definição bibliográfica corrente e encontram descritos em detalhe na seção de revisão de literatura (item 2.3).

Além da frequência, os fundamentos de arremessos também tiveram sua performance analisada em termos de pontos convertidos, ou seja, o número de arremessos de dois e três pontos, o número de arremessos no lance livre e o número de cestas convertidas para cada técnica de arremesso utilizada foi quantificada. O fundamento de drible foi analisado em relação ao número de contatos da bola com o chão, independentemente das suas variações técnicas.

Também foram analisados outros elementos técnicos do jogo, como os números de rebotes ganhos, o número de bolas roubadas e perdidas, e bloqueios (“tocos”). O rebote foi definido como toda a bola adquirida por um jogador, com o domínio da mesma, após o ato de um arremesso que não convergiu em cesta/pontos, devido a um arremesso falho ou a um bloqueio de um defensor, ou após “uma bola ao alto” (“sobe dois” após a bola presa). Uma bola roubada quando: um jogador defensor, sem uso de infrações à regra, conseguir recuperar a posse da bola, estando esta “viva” (em jogo), através da interceptação de um passe, drible, ou através da apreensão da bola junto a outro jogador que estava segurando a bola. Apenas as bolas roubadas que o jogador continuou com a posse da bola serão computados, bolas parcialmente recuperadas (ex. interceptação de uma bola, mas que foi para fora da quadra de jogo) não serão considerados neste estudo. Foi considerado como uma bola perdida, bola onde um atacante cometa uma infração às regras (de forma que o outro time obtenha a posse da bola), ou se um jogador defensivo “roubar a bola” (ver bolas roubadas no item acima). Bolas parcialmente perdidas (ex. um passe que é interceptado, mas que foi para fora da

quadra de jogo), serão consideradas como erros cometidos pelo atacante, constando neste estudo como uma bola perdida. Foi considerado como um bloqueio, quando um jogador defensivo interferir na trajetória de uma bola, encostando nesta, durante o ato de arremesso ou após, enquanto a bola se encontra em trajetória ascendente à cesta, sem cometer uma violação às regras. Os bloqueios realizados com a bola na descendente não serão considerados.

Para os fundamentos técnicos de arremesso e passe que não se encaixam exatamente nas características principais descritas, e/ou movimentos não visualizados corretamente devido ao ângulo de filmagem, além de movimentos feitos que não apareceram as ações de lançamento da bola ou do jogador durante a filmagem, estes foram classificados como “não identificados”.

Como os jogos da liga norte americana (NBA) possuem quatro tempos de doze minutos cada (total de 48 minutos), e os outros jogos do campeonato nacional e da liga europeia quatro tempos de 10 minutos (total de 40 minutos), os valores coletados nos jogos da liga norte americana foram normalizados em relação ao tempo total jogado. Desta forma, os fundamentos técnicos dos jogos das equipes pertencentes a liga norte americana foram divididos por 1,2 afim de permitir comparações com outras equipes que disputam o jogo com diferentes durações.

3.5. Variáveis do estudo

As variáveis de estudo compõem-se através dos fundamentos técnicos de basquetebol, descritos na revisão de literatura (item 2.3.), como os arremessos (jump, gancho, uma mão, duas mãos e bandeja), passes (peito, por cima da cabeça, ombro/beisebol/arremesso e gancho/boliche), dribles (número de quiques da bola no solo e o número de vezes que foi utilizado o fundamento técnico de drible) e rebote (número de rebotes).

Outros elementos constituintes do basquetebol também foram analisados: número de bloqueios/tocos, bolas perdidas, bolas roubadas, a quantidade de cestas convertidas por cada técnica de arremesso, a quantidade de arremessos de 1 ponto (lance livre), 2 pontos e de 3 pontos, bem como se a finalização é feita em deslocamento (com uso dos dois tempos rítmicos) ou parado (sem uso dos dois tempos rítmicos) e a quantidade de cestas correspondente a estes, o número de posse de bola (número de passes + número de arremessos + número de bolas

perdidas) e a verificação da ação do jogador com a bola (comparação entre as vezes em que foram utilizados os fundamentos de arremesso, passe, drible e que a bola foi perdida).

As variáveis acima relacionadas foram analisadas em relação às funções atribuídas aos jogadores que atuam como armadores, alas e pivôs. A formação foi considerada como tendo sempre em quadra 1 jogador atuando como armador, 2 jogadores atuando como alas e 2 jogadores atuando como pivôs. Desta forma a análise dos dados foi normalizada para levar em consideração tais diferenças. Assim, o número de fundamentos executados pelos pivôs e alas foram divididos por 2 afim de compara-los aos fundamentos executados pelos armadores.

3.5. Tratamento estatístico

Para verificar se a diferença era significativa, entre os jogadores que desempenham diferentes funções (armador, ala e pivô) e entre as equipes (nacionais, norte americanas, européias e seleções mundiais), foi utilizado o teste de ANOVA TWO WAY. Para detectar onde as diferenças ocorreram, foi aplicado o teste de diferenças entre médias de SCHEFFÉ. Todas as análises estatísticas foram efetuadas utilizando-se o pacote estatístico STATISTICA® (STATSOFT Inc., versão 5.5). Foi adotado o nível de significância de $p < 0.05$.

4. RESULTADOS

Nesta seção encontram-se expressos os resultados da coleta de dados do experimento e suas respectivas análises estatísticas. Cada habilidade técnica e/ou elemento constituinte do basquetebol é apresentado em forma de média e em percentagem de utilização em relação às funções atribuídas aos jogadores (armador, ala e pivô). Os valores abaixo foram normalizados em relação ao número de jogadores de diferentes funções em quadra e em relação a duração das partidas.

4.1. Habilidades Técnicas de Arremessos

Os resultados demonstram que são efetuados muitos arremessos num jogo ($90,21 \pm 11,12$ arremessos), sendo que estes são mais executados através das habilidades técnicas de arremesso que não utilizam os dois tempos rítmicos ($79,76 \pm 9,35\%$ dos arremessos). As habilidades técnicas de arremesso mais solicitadas foram a de jump ($70,9 \pm 8,47\%$ dos arremessos) e a de bandeja ($16,96 \pm 4,91\%$ dos arremessos), com diferença significativa entre si e entre as outras habilidades técnicas de arremesso, que foram utilizadas com menor frequência ($p < 0,05$). Estes resultados encontram-se na Tabela 01. Em média, as habilidades técnicas de arremesso que mais geraram pontos foram: jump com $54,63 \pm 13,24$ pontos, bandeja com $11,65 \pm 5,26$ pontos, uma mão com $4,3 \pm 3,03$ pontos, gancho com $3,28 \pm 3,66$ pontos e duas mãos com $0,84 \pm 1,48$ pontos. Os pontos advindos de arremessos não identificados foram $5,35 \pm 3,47$. O número de pontos pode ser observado na Tabela 02.

Os armadores são os jogadores que menos executam arremessos ($16,42 \pm 6,42$ arremessos) numa partida, possuindo diferenças significativas quando comparado aos alas ($p < 0,05$). Todavia, os armadores foram os que mais executaram o arremesso com uso dos dois tempos rítmicos, ou seja, o arremesso de bandeja ($28,43 \pm 12,57\%$ do total de seus arremessos), com diferença significativa em relação aos alas e pivôs quando comparado ao percentual de utilização desta habilidade técnica de arremesso. Os jogadores que atuam como armadores e alas utilizam os arremessos de jump ($69,19 \pm 14,75\%$ e $14,86 \pm 4,45\%$ do total de seus arremessos, respectivamente) e de bandeja ($28,43 \pm 12,57\%$ e $17,77 \pm 6,62\%$ do total de seus arremessos, respectivamente), sendo os alas os jogadores que mais executam arremessos à cesta ($19,84 \pm 5,08$ arremessos) e os que mais se utilizam

da habilidade técnica de arremesso de jump ($14,86 \pm 4,45$ arremessos), com diferenças significativas quando comparados aos pivôs ($p < 0,05$). Os jogadores que atuam como pivôs demonstraram ter a maior diversidade na utilização das habilidades técnicas de arremesso, sendo os jogadores que mais utilizaram as técnicas de arremesso de gancho ($1,55 \pm 1,21$ arremessos), uma mão ($1,54 \pm 4,5$ arremessos) e duas mãos ($0,26 \pm 0,67$ arremessos), no entanto, foram os jogadores que menos apresentaram o uso do arremesso de bandeja ($1,67 \pm 1,16$ arremessos, o que correspondente à $9,52\% \pm 4,98$ do total de seus arremessos). Estes resultados encontram-se nas Tabelas 01 e 02.

Tabela 01: NÚMERO DE ARREMESSOS E PERCENTUAL DE UTILIZAÇÃO, EM RELAÇÃO AOS JOGADORES QUE ATUAM NAS FUNÇÕES DE ARMADORES, ALAS E PIVÔS (MÉDIA \pm dp).

	Armador	Armador %	Ala	Ala %	Pivô	Pivô %	Time	Time %
Jump	$11,36 \pm 5,1^1$	$69,19 \pm 14,75$	$14,86 \pm 4,45^{1,2}$	$75,24 \pm 11,12^2$	$11,26 \pm 3,12^2$	$64,19 \pm 13,45^2$	$63,63 \pm 10,13$	$70,9 \pm 8,47$
Gancho	$0,17 \pm 0,72^3$	$1,07 \pm 3,16^3$	$0,33 \pm 0,48^2$	$1,71 \pm 2,35^2$	$1,55 \pm 1,21^{2,3}$	$8,86 \pm 6,48^{2,3}$	$3,84 \pm 2,79$	$4,28 \pm 3,64$
Uma Mão	$0,21 \pm 0,73^3$	$1,29 \pm 5,55^3$	$0,53 \pm 0,76^2$	$2,72 \pm 3,64^2$	$1,54 \pm 4,5^{2,3}$	$8,82 \pm 6,08^{2,3}$	$4,51 \pm 3,0$	$5,02 \pm 3,22$
Duas Mãos	0 ± 0^3	0 ± 0^3	$0,07 \pm 0,26^2$	$0,37 \pm 1,02^2$	$0,26 \pm 0,67^{2,3}$	$1,51 \pm 1,83^{2,3}$	$0,67 \pm 0,98$	$0,75 \pm 1,17$
Bandeja	$4,67 \pm 2,81^3$	$28,43 \pm 12,57^{1,3}$	$3,61 \pm 1,6^2$	$17,77 \pm 6,62^{1,2}$	$1,67 \pm 1,16^{2,3}$	$9,52 \pm 4,98^{2,3}$	$15,22 \pm 4,92$	$16,96 \pm 4,91$
Não Identificado	$0 \pm 0^{1,3}$	$0 \pm 0^{1,3}$	$0,42 \pm 0,5^{1,2}$	$2,17 \pm 2,72^{1,2}$	$1,27 \pm 0,88^{2,3}$	$7,25 \pm 4,67^{2,3}$	$3,4 \pm 2,15$	$3,79 \pm 2,73$
Total Arremesso	$16,42 \pm 6,42^1$	100 ± 0	$19,84 \pm 5,08^1$	100 ± 0	$17,54 \pm 4,52$	100 ± 0	$90,21 \pm 11,12$	100 ± 100

¹ - diferenças significativas entre armadores e alas

² - diferenças significativas entre alas e pivôs

³ - diferenças significativas entre armadores e pivôs

Não houveram diferenças significativas ($p > 0,05$) quanto ao número médio de arremessos para 1 ponto (lance livre). Os pivôs foram os jogadores que mais

arremessaram para 2 pontos ($11,35 \pm 3,25$ arremessos correspondentes à $64,43 \pm 12,78\%$ do seu total de arremessos), possuindo diferença significativa quando comparado à média de arremessos do armador, além da diferença significativa com o armador e pivô quando comparado o percentual do total de arremessos ($p < 0,05$). Quanto aos arremessos para 3 pontos, os armadores e alas apresentaram um maior número de arremessos ($4,24 \pm 2,76$ e $5,56 \pm 2,4$ arremessos, respectivamente), sendo estes valores estatisticamente significativos ($p < 0,05$) quando comparado ao número de arremessos dos pivôs ($1,35 \pm 1,49$ de média). Estes resultados encontram-se na Tabela 03.

Tabela 02: NÚMERO DE PONTOS CONVERTIDOS PELOS ARREMESSOS E PERCENTUAL DE UTILIZAÇÃO, EM RELAÇÃO AOS JOGADORES QUE ATUAM NAS FUNÇÕES DE ARMADORES, ALAS E PIVÔS (MÉDIA \pm dp).

	Armador	Armador %	Ala	Ala %	Pivô	Pivô %	Time	Time %
Jump	$9,55 \pm 5,27^1$	$67,33 \pm 21,06$	$13,95 \pm 4,56^{1,2}$	$75,91 \pm 13,96^2$	$9,09 \pm 2,67^2$	$58,44 \pm 15,36^2$	$54,63 \pm 13,24$	$67,54 \pm 15,56$
Gancho	$0,06 \pm 0,34^3$	$0,42 \pm 2,32^3$	$0,23 \pm 0,65^2$	$1,29 \pm 3,3^2$	$1,37 \pm 1,46^{2,3}$	$8,82 \pm 7,35^{2,3}$	$3,28 \pm 3,66$	$4,05 \pm 4,17$
Uma Mão	$0,12 \pm 0,54^3$	$1,28 \pm 5,2^3$	$0,54 \pm 0,75^2$	$2,94 \pm 3,55^2$	$1,58 \pm 1,2^{2,3}$	$10,15 \pm 7,64^{2,3}$	$4,3 \pm 3,03$	$5,32 \pm 3,35$
Duas Mãos	0 ± 0^3	0 ± 0^3	$0,06 \pm 0,88^2$	$0,37 \pm 1,73^2$	$0,35 \pm 0,84^{2,3}$	$2,27 \pm 3,32^{2,3}$	$0,84 \pm 1,48$	$1,04 \pm 1,94$
Bandeja	$4,33 \pm 3,27^3$	$30,53 \pm 20,71^{1,3}$	$2,92 \pm 1,97^2$	$15,91 \pm 9,22^1$	$1,27 \pm 1,46^{2,3}$	$8,2 \pm 8,18^3$	$11,65 \pm 5,26$	$14,4 \pm 5,71$
Não Identificado	$0 \pm 0^{1,3}$	0 ± 0^3	$0,65 \pm 0,88^{1,2}$	$3,57 \pm 4,55^2$	$2,03 \pm 1,47^{2,3}$	$13,07 \pm 8,44^{2,3}$	$5,35 \pm 3,47$	$6,58 \pm 4,37$
Total Arremesso	$14,19 \pm 6,42^1$	100 ± 0	$18,37 \pm 5,37^1$	100 ± 0	$15,56 \pm 4,69$	100 ± 0	$80,87 \pm 11,78$	100 ± 0

¹ - diferenças significativas entre armadores e alas

² - diferenças significativas entre alas e pivôs

³ - diferenças significativas entre armadores e pivôs

TABELA 03: NÚMERO DE ARREMESSOS FEITOS PARA 1 PONTO (LANÇE LIVRE), 2 PONTOS e 3 PONTOS E PERCENTUAL DO TOTAL DE ARREMESSOS DO JOGADOR, EM RELAÇÃO AOS JOGADORES QUE ATUAM NAS FUNÇÕES DE ARMADORES, ALAS E PIVÔS (MÉDIA ± dp).

	Lance Livre	2 Pontos	3 Pontos	Total de Arremessos	% Total de Arremessos
Armador	3,8 ± 2,45	8,37 ± 4,7 ³	4,24 ± 2,76 ³	16,42 ± 6,42 ¹	17,26 ± 6,37 ¹
Armador %	23,18 ± 13,91	51,0 ± 14,23 ³	25,82 ± 17,45 ³	100 ± 0	####
Ala	4,64 ± 2,53	9,64 ± 3,34	5,56 ± 2,4 ²	19,84 ± 5,08 ¹	21,12 ± 5,37 ¹
Ala %	23,4 ± 9,36	48,59 ± 11,71 ²	28,02 ± 12,1 ²	100 ± 0	####
Pivô	4,9 ± 2,61	11,35 ± 3,25 ³	1,35 ± 1,49 ^{2,3}	17,6 ± 4,47	18,76 ± 4,67
Pivô %	27,86 ± 9,58	64,43 ± 12,78 ^{2,3}	7,7 ± 9,37 ^{2,3}	100 ± 0	####
Time	22,79 ± 7,8	50,42 ± 10,76	18,08 ± 7,22	91,28 ± 8,98	100 ± 0
Time %	24,96 ± 7,16	55,23 ± 9,49	19,8 ± 8,82	100 ± 0	####

¹ - diferenças significativas entre armadores e alas

² - diferenças significativas entre alas e pivôs

³ - diferenças significativas entre armadores e pivôs

4.2. Habilidade Técnica de Passes

O passe foi a habilidade técnica mais solicitada no jogo (230,39 ± 37,09 passes) em comparação aos demais fundamentos (p<0.05). O passe de peito aparece como o mais utilizado no jogo pelos jogadores (44 ± 7,11% dos passes) com diferença significativa das demais habilidades técnicas de passe (p<0.05). A habilidade técnica de passe menos utilizada foi a de gancho e boliche (5,11 ± 1,68% dos passes) (p<0.05). Os passes não identificados apareceram com pouca frequência (15,1 ± 6,38 passes). Estes resultados encontram-se na Tabela 04.

Os jogadores que atuam como armadores foram responsáveis por executar o maior número de passes (74,28 ± 11,63 passes), apresentando diferença em relação jogadores alas e pivôs (p<0.05). Os armadores utilizam mais todas as habilidades técnicas de passes, apresentando diferença em relação aos jogadores ala e armadores nos passes de peito, ombro e no número total de passes (p<0.05). Também demonstram diferença significativa em relação ao ala no passe de gancho

e boliche, e ao pivô no passe por cima da cabeça ($p < 0.05$). Os jogadores que atuam como alas e pivôs possuem características semelhantes quanto ao recurso de utilização das habilidades técnicas de passe, sendo estes diferentes quanto à percentagem de uso do passe por cima da cabeça (ver Tabela 04).

Tabela 04: NÚMERO DE PASSES E PERCENTUAL DE UTILIZAÇÃO DA TÉCNICA, EM RELAÇÃO AOS JOGADORES QUE ATUAM NAS FUNÇÕES DE ARMADORES, ALAS E PIVÔS (MÉDIA \pm dp).

	Armador	Armador %	Ala	Ala %	Pivô	Pivô %	Time	Time %
Peito	36,8 \pm 8,41 ^{1,3}	49,5 \pm 9,06 ^{1,3}	15,7 \pm 5,06 ¹	40,6 \pm 9,2 ¹	16,7 \pm 5,67 ³	42,8 \pm 23,6 ³	101 \pm 23,2	44 \pm 7,11
Por Cima	13,2 \pm 6,18 ³	17,8 \pm 8,32 ^{1,3}	11,6 \pm 4,12	29,9 \pm 8,34 ^{1,2}	9,22 \pm 4,07 ³	23,6 \pm 8,13 ^{2,3}	55,1 \pm 16,2	23,9 \pm 5,07
Ombro/Arr./Beis.	17,9 \pm 7,27 ^{1,3}	24,1 \pm 8,86 ³	7,47 \pm 3,17 ¹	19,3 \pm 7,99	6,8 \pm 2,57 ³	17,4 \pm 6,89 ³	46,2 \pm 13	20,1 \pm 5,64
Gancho/Boliche	3,23 \pm 2,58 ¹	4,34 \pm 3,28 ³	1,81 \pm 1,16 ¹	4,68 \pm 3,1	2,49 \pm 1,47	6,37 \pm 3,64 ³	11,8 \pm 4,18	5,11 \pm 1,68
Não Identificado	3,2 \pm 2,38 ¹	4,3 \pm 3,02 ³	1,93 \pm 0,9 ^{1,2}	4,99 \pm 2,69 ²	4,01 \pm 1,86 ²	10,3 \pm 5,05 ^{2,3}	15,1 \pm 6,38	6,55 \pm 2,79
Total de Passes	74,28 \pm 11,63 ^{1,3}	100 \pm 0	38,61 \pm 8,51 ¹	100 \pm 0	39,06 \pm 8,5 ³	100 \pm 0	230,39 \pm 37,09	100 \pm 0

¹ - diferenças significativas entre armadores e alas

² - diferenças significativas entre alas e pivôs

³ - diferenças significativas entre armadores e pivôs

4.3. Habilidade Técnica de Drible

A habilidade técnica de drible foi solicitada em média 155,7 \pm 21,02 vezes no jogo, o que correspondeu a 698,8 \pm 111,9 quiques da bola ao solo, considerando todas as vezes em que a habilidade técnica de drible foi solicitada. A análise estatística revelou que houveram diferenças entre o número de dribles efetuados, tanto quantificado pelo número de quiques da bola no chão, quanto à utilização da técnica de driblar, em relação às funções atribuídas aos jogadores armadores, alas e pivôs ($p < 0.05$). Os jogadores que atuam na função de armadores demonstraram ser os que mais utilizam do recurso desta habilidade técnica (46,12 \pm 6,67% do total de

dribles), seguido pelos alas (17,69 ± 5,52% do total dribles) e, por último, pelos pivôs (8,91% ± 2,26 do total de dribles), com que pouco utilizam do drible (ver Tabela 05).

TABELA 05: NÚMERO DRIBLES (QUIQUES DA BOLA NO CHÃO) E O NÚMERO DE VEZES EM QUE A TÉCNICA DE DRIBLE FOI SOLICITADA, EM RELAÇÃO AOS JOGADORES QUE ATUAM NAS FUNÇÕES DE ARMADORES, ALAS E PIVÔS (MÉDIA ± dp).

	Número de Quiques da bola no chão	Número de vezes em que a técnica de drible foi solicitada
Armador média	465,9 ± 95,91 ^{1,3}	73,23 ± 7,29 ^{1,3}
Armador %	64,69 ± 9,3 ^{1,3}	46,12 ± 6,67 ^{1,3}
Ala média	91,38 ± 33,08 ^{1,2}	28,91 ± 11,84 ^{1,2}
Ala %	12,6 ± 3,88 ^{1,2}	17,69 ± 5,52 ^{1,2}
Pivô média	27,6 ± 10,2 ^{2,3}	14,42 ± 4,12 ^{2,3}
Pivô %	3,9 ± 1,47 ^{2,3}	8,91 ± 2,26 ^{2,3}
Time	698,8 ± 111,9	155,7 ± 21,02

¹ - diferenças significativas entre armadores e alas

² - diferenças significativas entre alas e pivôs

³ - diferenças significativas entre armadores e pivôs

4.4. Habilidades Técnicas de Rebotes e Bloqueios/Tocos

O número de rebotes conquistados num jogo, em média, foi de 31,8 ± 7,0 rebotes, sendo que os jogadores que atuam na função de pivôs foram responsáveis pela maioria destes, havendo diferenças significativas quando comparado com os jogadores armadores e alas (p<0.05). Não houveram diferenças significativas entre alas e armadores em relação ao número de rebotes (p>0.05). Considerando a função dos jogadores, o pivô obteve 28,14 ± 5,59% dos rebotes, o ala 14,6 ± 4,56% e o armador 13,25 ± 6,11% do total de rebotes (ver Tabela 06).

Os bloqueios não foram muito pouco efetuados no jogo, em média foram constatados 2,95 ± 1,94 bloqueios por jogo. Os jogadores que atuam como pivô executaram o maior número de bloqueios (p<0.05), em relação aos outros jogadores (armadores e alas). Os pivôs são responsáveis por 35,33 ± 16,81% dos bloqueios, os alas 13,01 ± 15,68% e os armadores 4,62 ± 18,27%. Não existiram diferenças estatísticas entre alas e armadores (p>0.05). Estes resultados encontram-se na Tabela 06.

4.5. Número de Bolas Roubadas e Perdidas

O número de bolas roubadas em média por jogo é de $5,64 \pm 2,8$ roubos de bola, sendo que o armador é responsável pelo maior número de roubos de bola ($1,8 \pm 1,2$ roubos de bola). Considerando os números da média, a diferença ocorreu entre os armadores e alas comparados aos pivôs ($p < 0,05$). Em termos de percentagem, houveram diferenças significativas entre as três funções dos jogadores ($p < 0,05$). Estes resultados encontram-se na Tabela 06.

O número de bolas perdidas correspondeu a $15,93 \pm 6,33$ perdas de bola por jogo. Não houveram diferenças significativas no número de bolas perdidas em relação aos jogadores que atuam na função de armadores, alas e pivôs ($p > 0,05$). Em valores percentuais o armador é responsável por $22,82 \pm 11,22\%$ das perdas de bola, o ala $21,14 \pm 7,88\%$ e o pivô $17,8 \pm 8,77\%$ (ver Tabela 06).

4.6. Número de Posses de Bola e das Ações do Jogador com a Bola

O número total de posses de bola, em média, por jogo, correspondeu a $336,9 \pm 38,93$ posses de bola. Os jogadores que atuam como armadores são os jogadores que mais adquirem a posse da bola, com diferença significativa em relação aos alas e pivôs ($p < 0,05$). Em percentagem o armador possui $35,1 \pm 3,68\%$ das posses de bola do time, o ala $21,5 \pm 3,36\%$ e o pivô $22,5 \pm 2,48\%$ (ver Tabela 06).

A análise estatística das ações realizadas pelos jogadores, quando estes recebem a posse de bola, demonstraram diferenças significativas nas três habilidades técnicas (passe, arremesso e drible). Os jogadores que atuam na função de armadores são os que mais realizam passe, comparado aos alas e pivôs ($p < 0,05$). Os jogadores que atuam como alas são os que mais efetuam arremessos com diferença entre comparados aos armadores considerando-se a média. Houveram diferenças entre as três funções quanto ao percentual de arremessos correspondente às ações do jogador com a posse da bola ($p < 0,05$). A habilidade técnica de drible apresentou diferença significativa entre as três funções dos jogadores ($p < 0,05$), onde os armadores foram os que mais utilizaram desta habilidade técnica, seguido pelo ala e, após este, o pivô. Houveram diferenças significativas quanto ao número de bolas perdidas ($p > 0,05$). Estes resultados encontram-se na Tabela 07.

TABELA 06: NÚMERO DE REBOTES, BLOQUEIOS OU TOCOS, BOLAS PERDIDAS, BOLAS ROUBADAS E O NÚMERO DE POSSE DE BOLA, EM RELAÇÃO AOS JOGADORES QUE ATUAM NAS FUNÇÕES DE ARMADORES, ALAS E PIVÔS (MÉDIA ± dp).

	Rebotes	Bloqueios ou Tocou	Bolas Perdidas	Bolas Roubadas	Posse de Bola
Armador	4,3 ± 2,12 ³	0,11 ± 0,4 ³	3,83 ± 2,33	1,8 ± 1,2 ³	94,56 ± 10,67 ^{1,3}
Armador %	13,25 ± 6,11 ³	4,62 ± 18,27 ³	22,82 ± 11,22	36,85 ± 51,1 ³	35,1 ± 3,68 ^{1,3}
Ala	4,82 ± 1,93 ²	0,41 ± 0,51 ²	3,39 ± 1,41	1,38 ± 1,0 ²	58,56 ± 9,18 ¹
Ala %	14,6 ± 4,56 ²	13,01 ± 15,68 ²	21,14 ± 7,88	25,26 ± 25,28	21,5 ± 3,36 ¹
Pivô	9,41 ± 4,12 ^{2,3}	1,11 ± 0,87 ^{2,3}	2,97 ± 1,56	0,71 ± 0,53 ^{2,3}	59,59 ± 11,5 ³
Pivô %	28,14 ± 5,59 ^{2,3}	35,33 ± 16,81 ^{2,3}	17,8 ± 8,77	15,24 ± 13,77 ³	22,5 ± 2,48 ³
Time	31,8 ± 7,0	2,95 ± 1,94	15,93 ± 6,33	5,64 ± 2,8	336,9 ± 38,93

¹ - diferenças significativas entre armadores e alas

² - diferenças significativas entre alas e pivôs

³ - diferenças significativas entre armadores e pivôs

TABELA 07: NÚMERO DAS AÇÕES DO JOGADOR COM A BOLA, EM RELAÇÃO AOS JOGADORES QUE ATUAM NAS FUNÇÕES DE ARMADORES, ALAS E PIVÔS (MÉDIA ± dp).

	Passe	Arremesso	Bolas Perdidas	Drible
Armador média	74,28 ± 11,63 ^{1,3}	16,42 ± 6,42 ¹	3,83 ± 2,33	73,23 ± 7,29 ^{1,3}
Armador %	78,56 ± 10,11 ^{1,3}	17,37 ± 7,2 ^{1,3}	4,05 ± 2,13	77,44 ± 6,7 ^{1,3}
Ala média	38,61 ± 8,51 ¹	19,75 ± 5,0 ¹	3,39 ± 1,41	28,91 ± 11,84 ^{1,2}
Ala %	65,94 ± 9,3 ¹	33,74 ± 8,84 ^{1,2}	5,79 ± 2,43	49,37 ± 18,21 ^{1,2}
Pivô média	39,06 ± 8,5 ³	17,54 ± 4,52	2,97 ± 1,56	14,42 ± 4,12 ^{2,3}
Pivô %	65,55 ± 8,12 ³	29,44 ± 5,43 ^{2,3}	4,99 ± 2,48	24,19 ± 6,02 ^{2,3}
Time	230,39 ± 37,09	90,21 ± 11,12	15,93 ± 6,33	155,7 ± 21,02
Time %	66,05 ± 6,61	26,26 ± 4,79	4,55 ± 1,73	44,95 ± 5,83

¹ - diferenças significativas entre armadores e alas

² - diferenças significativas entre alas e pivôs

³ - diferenças significativas entre armadores e pivôs

5. DISCUSSÃO

O basquetebol é uma modalidade desportiva com muitas habilidades técnicas. Estas proporcionam recursos diversos para o atleta alcançar sua efetividade numa partida. A frequência de utilização destas habilidades técnicas varia de acordo com a individualidade de cada jogador, entretanto, há uma certa tendência para o uso destas habilidades de acordo com a função atribuída aos jogadores (armadores, alas e pivôs). Além do fato de algumas destas habilidades técnicas se demonstrarem mais efetivas que as outras.

5.1. Análise da Habilidade Técnica dos Arremessos

O arremesso é uma das habilidades técnicas que mais deve ser trabalhada no basquetebol devido à sua complexidade de execução e o grande número de vezes em que esta habilidade técnica foi solicitada. Além disso, este fundamento é influenciado por fatores que podem vir a comprometer sua realização, tais como a distância em relação à cesta, marcação, posição do corpo na hora do lançamento, técnicas utilizadas no arremesso, deslocamentos, etc.. Por isso a importância de todos os jogadores, independente da função atribuída a estes, dominarem esta habilidade técnica.

Considerando o grande número de arremessos de jump realizados, a colocação de MARQUES (1980, p. 41) é plausível quando levanta a idéia do basquetebol ser “uma sucessão de jumps certos ou errados, bem feitos ou mal feitos, desequilibrados ou equilibrados, ...”. Esta habilidade técnica de arremesso foi a mais solicitada por todas as funções atribuídas aos jogadores (armadores, alas e pivôs), com média de $54,63 \pm 13,24$ pontos por jogo, o que corresponde a $67,54 \pm 15,56\%$ de pontos do jogo e média de $63,63 \pm 10,13$ arremessos, estes dados reforçam a idéia de que este fundamento é a forma mais efetiva de marcar pontos, proporcionando vantagens como: precisão, velocidade de execução, proteção contra a marcação e execução à diversas distâncias da cesta. Este fundamento deve ser enfatizado, e o mais treinado dentre as habilidades técnicas de arremesso nas sessões de treinamento independentemente da posição dos jogadores.

O arremesso de bandeja também parece proporcionar vantagens em sua aplicação, pois foi a segunda habilidade técnica de arremesso mais solicitada. Normalmente este arremesso é utilizado em movimentos ofensivos de infiltração ou

em contra-ataques, onde são criadas situações de execução próxima à cesta. Este fundamento ofensivo também deve ter certa ênfase no treinamento por ser a segunda habilidade técnica de arremesso mais solicitada nos jogos. O arremesso de bandeja foi responsável por $11,65 \pm 5,26$ pontos por jogo, o que representa $14,4 \pm 5,71\%$ do total de pontos por jogo. Os jogadores que mais utilizaram da habilidade técnica de arremesso de bandeja foram os armadores e os alas, o que demonstra a grande importância de se enfatizar esta habilidade para estes jogadores. Os pivôs não demonstraram utilizar o arremesso de bandeja com tanta frequência, comparado aos armadores e alas, mas esta técnica de arremesso foi a segunda mais solicitada por estes jogadores, devendo ter certa atenção nas sessões de treino.

As outras habilidades técnicas de arremesso como a de uma mão, gancho e a de duas mãos, além dos arremessos não identificados que abrangeram arremessos de enterrada, tapinha e movimentos não visualizados ou identificados como uma das técnicas propostas, demonstraram ser habilidades técnicas de arremesso menos solicitadas no decorrer dos jogos. Estas habilidades técnicas de arremesso não demonstraram proporcionar tantos pontos como o arremesso de bandeja e de jump, talvez ao fato destas possuírem suas limitações como: execução mais próxima à cesta (arremessos de gancho, 1 mão, e em geral os não identificados também foram realizados nas proximidades da cesta), não ser tão eficiente na proteção do arremesso contra uma marcação mais intensa (arremesso de duas mãos), menor estabilidade no lançamento da bola (arremesso de gancho e uma mão), ... Todavia, os jogadores que atuam como pivôs utilizaram consideravelmente os arremessos de gancho e uma mão, devendo estes ser trabalhados constantemente pelos jogadores que atuam nesta função. Entretanto, os armadores e alas, não utilizaram muito estas habilidades técnicas de arremessos, podendo ser mais enfatizadas as técnicas de arremesso de jump e bandeja nas sessões de treino, sem desconsiderar a utilização destas técnicas por alguns jogadores.

A maioria dos arremessos foi realizada para dois pontos, independente da função atribuída aos jogadores. O armador e o ala arremessam um maior número de bolas para 3 pontos que para 1 ponto (lance livre), diferente dos pivôs que executam mais arremessos para 1 ponto que para 3. Tais fatos podem ser explicados pela função atribuídas aos jogadores, pois os armadores e alas são jogadores que ocupam mais os espaços próximos à linha de 3 pontos, o que lhes favorecem a

execução de arremessos de uma maior distância. Todavia, os pivôs utilizam mais o espaço dentro do garrafão, lugar normalmente congestionado pelos jogadores defensivos, o que justifica o fato do pivô executar mais lances livres, pois está sob pressão defensiva na maioria de seus arremessos, o que pode vir a justificar as faltas e conseqüentemente o maior número de arremessos para 1 ponto que o armador e o ala.

5.2. Análise da Habilidade Técnicas de Passe

As habilidades técnicas de passe contribuem para a organização do time para um ataque mais efetivo, onde os jogadores procuram encontrar espaços e posicionamentos para que os ofensores possam executar arremessos em condições mais favoráveis. Desta forma, os passes podem contribuir para a melhoria da eficiência dos arremessos à cesta. Nada valerá o aproveitamento dos arremessadores caso não exista uma preparação adequada do ataque através de passes até o momento do arremesso (BONAN, 1998, p.2). Todavia, apesar do passe ser a habilidade técnica mais solicitada no jogo, um estudo realizado com 12 equipes de basquetebol feminino no Brasil nos Jogos da Juventude do Paraná, observou que os times não utilizavam de muitos passes na preparação dos arremessos (em geral de 3 a 4 passes antes do arremesso), o que ocasionou em muitos arremessos precipitados e um grande número de erros (BONAN, 1998, p.49). Isto demonstra a importância de treinar a habilidade técnica do passe durante as várias etapas da periodização do treinamento.

Os armadores são os jogadores que mais executam a habilidade técnica de passe, dentre as quais o passe de peito é o mais utilizado. Sendo que o passe de ombro foi o segundo mais utilizado. Devido a sua função de iniciar e organizar as jogadas, a bola passa pelo armador quase todas as vezes em que o time vai para o ataque. Os jogadores que atuam como alas e pivôs, semelhantemente aos armadores, utilizam mais o passe de peito, todavia, estes diferem por utilizarem o passe por cima da cabeça como segundo passe mais utilizado.

Devido ao fato desta habilidade técnica influenciar na preparação do arremesso à cesta, grande deve ser a importância deste fundamento nas sessões de treinamento, principalmente para os jogadores que desempenham o papel de armadores. Devem ser enfatizadas as técnicas de passe de peito, por cima da

cabeça e ombro, devido a sua maior exigência no decorrer do jogo, mas não podem ser desconsideradas as habilidades técnicas de gancho e boliche, que podem ser utilizados particularmente por alguns jogadores independente de sua função (armador, ala e pivô).

5.3. Análise Habilidade Técnica de Drible

O drible é uma habilidade técnica que pode oferecer vantagens ao ofensor em posse de bola em diversas situações de jogo (infiltração, desmarcar-se, iniciar um contra ataque...). Entretanto, também pode ser responsável por ocasionar perdas de bolas, ou mesmo, atrapalhar o jogo coletivo com um individualismo excessivo. Em geral os jogadores devem evitar o drible excessivo, WISSEL (1998, 74) lembra que o passe é muito mais rápido que o drible, devendo procurar antes da execução do drible, um passe para um companheiro desmarcado. A habilidade técnica de drible deve apenas ser utilizada em situações de infiltração, quando o jogador estiver pressionado pela defesa, para atrair a marcação ou ajuda na ação de desmarcar outro jogador, ou para conduzir a bola da quadra defensiva à ofensiva no início de um ataque ou possível organização de um contra-ataque.

Os armadores são os maiores responsáveis pela utilização desta habilidade técnica, onde a transição da quadra defensiva para a ofensiva, as organizações e início das jogadas e/ou movimentações, são tarefas desempenhadas que justificam o grande sua grande necessidade de uso. Os alas possuem o segundo lugar na utilização do drible, estes, normalmente, são responsáveis por auxiliar o armador no início das movimentações e/ou jogadas, para não sobrecarregar o armador em sua função de organizar as jogadas, contudo utilizam muito o drible na execução de infiltrações para a finalização, ou mesmo para atrair a marcação (ajuda defensiva) com o intuito de desmarcar outro jogador. Os pivôs, pouco demonstraram utilizar a habilidade técnica de drible. Acredita-se que a pouca utilização desta habilidade técnica se deve ao fato dos jogadores que atuam nesta função não desenvolvam esta habilidade motora durante as sessões de treinamento, pois os pivôs normalmente treinam mais outras habilidades técnicas nas sessões de treinamento. Outros fatores também podem justificar a pouca utilização desta técnica pelos pivôs como: a tática do jogo, o fato dos destes jogadores terem de atuar na maioria das vezes próximo a cesta para a disputa pelo rebote ou mesmo devido ao fato de haver

grande concentração de defensores nas proximidades da cesta (o que dificulta a utilização do drible neste espaço), etc..

A habilidade técnica de drible deve ser treinada constantemente pelos armadores e alas, devendo o jogador desenvolver grande habilidade em sua execução, provendo-se de recursos de fintas de mudança de velocidade, direção e com proteção em seus movimentos, evitando a perda da bola durante o jogo e proporcionando vantagens sobre os defensores e os sistemas táticos defensivos. Contudo esta habilidade técnica também deve ser trabalhada com os pivôs, tendo uma maior ênfase no drible de proteção para o trabalho de aproximação à cesta. Pode-se também dar aos jogadores que atuam como pivôs, um preparo para a utilização do drible para penetrações/infiltrações, pois nota-se que cada vez mais os jogadores são dotados de maior habilidade, e estes tem que jogar muitas vezes fora do garrafão (longe da cesta, próximo à linha de três pontos), proporcionando situações para estes executarem arremessos de longa distância e dribles para infiltração, o que vem favorecendo diversos times no ataque. Todavia, a forma de organização e posicionamento em quadra dos jogadores varia muito em função da tática atribuída no jogo, onde determinados técnicos não permitem o posicionamento dos pivôs longe à cesta, entretanto, esta é uma concepção que vem sendo questionada onde todos os jogadores passam por constantes movimentações na quadra ofensiva (princípio do “passing game” – “jogo de passes”; esquema tático de movimentações).

5.4. Análise da Habilidade Técnica de Rebote e Bloqueio/Toco

Os rebotes são elementos muito importantes no basquetebol, estes podem proporcionar ou evitar os chamados pontos de segunda chance quando adquiridos no ataque ou defesa, respectivamente. A habilidade técnica destinada ao rebote, ou seja, o bloqueio de rebote (escoramento), que consiste basicamente em bloquear e afastar os jogadores do time adversário de um espaço onde provavelmente se poderia pegar a bola, tem sido de grande proveito dos jogadores, principalmente dos que atuam como armadores e alas, onde esta habilidade técnica busca compensar a altura dos jogadores ganhando-se espaço para pegar a bola. Em geral, a aquisição dos rebotes tem sido mais atribuída aos jogadores que atuam como pivôs, devido ao fato destes possuírem um porte físico mais avantajado para disputar a posse de

bola. No entanto, os jogadores que atuam na função de armadores e alas também participaram efetivamente nos rebotes. Esta habilidade técnica deve ser constantemente trabalhada com todos os jogadores nos treinamentos, pois tem demonstrado ser muito efetiva, não somente para os jogadores de maior porte físico, mas, principalmente, para os jogadores menos avantajados fisicamente.

O número de bloqueios/tocos num jogo tem demonstrado ser muito pequeno. Esta habilidade muitas vezes não é considerada um fundamento técnico do jogo, não sendo treinada pelos jogadores, provavelmente devido ao risco desta poder gerar, na maioria das vezes que falhar, uma penalidade de falta pessoal, que normalmente irá custar de 1 até 3 lances livre de bonificação para o time adversário. Alguns técnicos aconselham que os jogadores não devem tentar efetuar sempre o bloqueio defensivo, mas apenas procurar uma marcação capaz de dificultar o arremesso do ofensor, evitando assim faltas demasiadas e já preparando a defesa para o posicionamento mais rápido do bloqueio para o rebote. Um treinamento e estudo técnico mais aprofundado, considerando o bloqueio como uma habilidade técnica, poderia efetivar um maior número de bloqueios numa partida e, até mesmo, reduzir o número de faltas. O bloqueio foi quase que exclusivo dos jogadores que desempenham a função de pivô, provavelmente devido à grande estatura destes jogadores e ao posicionamento mais próximo à cesta. Os jogadores que atuam como alas e armadores praticamente não executam um bloqueio no jogo, mas são grandes responsáveis por fornecer a maioria dos bloqueios realizados pelos jogadores que atuam como pivôs do time adversário.

5.5. Análise do Número de Bolas Roubadas e Perdidas

O número de bolas roubadas apresentou-se muito pequeno, talvez devido ao fato destas terem sido foram consideradas, apenas quando o jogador conseguia a posse da bola, ou seja, uma roubada de bola total, e não parcial (quando o defensor consegue tocar na bola, retirando o domínio da bola do ofensor, mas esta vai para fora ou o ofensor consegue recuperar o domínio da mesma). Os jogadores que atuam como armadores e alas roubaram mais bolas que os pivôs, talvez devido ao fato dos armadores e alas serem, em geral, mais rápidos que os pivôs. Contudo, outros fatores, tais como o tempo de leitura e antecipação da jogada, tempo de

reação, etc., também interferem no número de bolas roubadas serem maiores para os jogadores que atuam como armadores e alas.

O número de bolas perdidas demonstrou ser muito grande. Estes números foram atribuídos a perdas de bolas totais e parciais que incluem: bolas perdidas por infrações, passes errados, mau uso do drible ou manejo da bola, e por arremessos bloqueados. Os jogadores demonstraram ter um número muito próximo de perdas de bola, todavia os armadores e alas perdem mais bolas que os pivôs, talvez devido ao fato destes possuírem um maior número de posses de bola durante o jogo.

5.6. Análise do Número de Posses de Bola e das Ações do Jogador com a Bola

Os armadores foram os jogadores que mais obtiveram posses de bola, devido à sua função na organização dos movimentos ofensivos. Os alas e pivôs tiveram números muito próximos de posses de bola, mas com os pivôs tendo um número de posses um pouco maior que os alas.

Como consequência da função atribuída os jogadores que atuam como armadores, verificou-se o grande utilidade da habilidade técnica do drible, passe e pouco a do arremesso. O ala, demonstrou uma frequência de utilização das técnicas percentuais, em relação às ações realizadas em função das posses de bola, semelhante ao pivô, onde estes executam um número maior de arremessos, mais também utilizam um grande número de passes. Entretanto, o ala utiliza muito mais a habilidade técnica de drible que o pivô, mas o armador ainda o faz mais que os dois. O ala é o jogador que perde mais bolas, seguido pelo armador e, posteriormente, o pivô.

5.7. Análise Geral das Funções Atribuídas aos Jogadores de Basquetebol (Armador, Ala e Pivô)

As funções atribuídas aos jogadores de basquetebol demonstraram ter suas várias particularidades e semelhanças quanto às habilidades técnicas analisadas neste estudo. Os armadores se assemelharam aos alas e se diferenciaram dos pivôs nas habilidades técnicas de: arremessos (quanto as técnicas de arremesso mais utilizadas), número de arremessos para 2 e 3 pontos, rebotes, bloqueios/tocos e bolas roubadas. As habilidades técnicas em que o armador se diferenciou dos alas e pivôs foram: passes (quanto as técnicas de passe mais utilizadas e quanto à média

total de passes) e posses de bola. Não houveram diferenças significativas em: arremessos de 1 ponto (lances livres) e bolas perdidas. As três funções dos jogadores se diferenciaram apenas na habilidade técnica de drible (quanto ao número de quiques da bola no chão e quanto ao número de vezes em que a técnica de drible foi solicitada). Desta forma é rejeitada a hipótese H1, pois houveram diferenças significativas em diversas habilidades técnicas realizadas pelos jogadores que atuam nas funções de armadores, alas e pivôs.

6. CONCLUSÃO

O basquetebol é um jogo que tem passado por constantes evoluções, tanto em sua organização de treinamento físico, psicológico, técnico e tático, como em suas regras e estruturação. Essas alterações tem transformado o basquetebol num jogo ainda mais forte, rápido, com um maior número de ataques, contra-ataques e defesas, conseqüentemente, num jogo muito mais disputado.

Na busca de dominar estas evoluções, o basquetebol tornou-se um esporte com alto grau de complexidade técnica em seus movimentos. Naismith já alertava: “O basquetebol é um jogo fácil de jogar e difícil de dominar” (NAISMITH, in DAIUTO, 1971, p. 91). Tal é a importância da técnica no basquetebol que NOVOSEL (1979, p.60), ex-técnico da seleção Iugoslávia (1971-1976), aponta que, primeiramente, deve-se melhorar a técnica individual dos jogadores para, posteriormente, criar situações táticas que utilizem ao máximo o valor individual dos jogadores.

Este estudo destinou-se a diagnosticar a freqüência de utilização das habilidades técnicas atribuídas aos jogadores que desempenham a função de armadores, alas e pivôs, para auxiliar na otimização da performance dos atletas, através de um treinamento planejado com ênfase na especificidade técnica solicitada no jogo.

A caracterização das funções atribuídas aos jogadores, de acordo com a freqüência de utilização das habilidades técnicas e elementos constituintes do jogo encontrados, de forma geral, constatou que: (1) Os jogadores que atuam na função de armador, podem ser representados pela grande necessidade da habilidade técnica de dribles e passes. Também é o jogador que mais posse de bola obteve, assim como roubos, perdas e por ser o jogador que mais utiliza o arremesso de bandeja. (2) Os jogadores que atuam na função de alas, podem ser representados como jogadores tecnicamente medianos entre os jogadores que desempenham o papel de armadores e pivôs, porém com suas particularidades. Eles são responsáveis pela maioria das tentativas de arremessos, conseqüentemente possuem o maior número de pontos por jogo, além de serem os jogadores que mais efetuam arremessos para 3 pontos. (3) Os jogadores que atuam na função de pivôs, podem ser representados pela grande diversidade técnica solicitada na habilidade técnica de arremesso, sendo também o jogador que mais efetua lance livre e arremessos para 2 pontos numa partida, além de fazer o maior número de bloqueios

e pegar mais rebotes. No entanto, é o jogador que menos recebe a bola, quase não utiliza a habilidade técnica de drible e executa o menor número de passes no jogo.

Os dados levantados no presente trabalho, podem ser tomados como base para a estruturação e auxílio na quantificação geral e específica na construção da periodização das sessões de treinamentos. Através das tendências técnicas de cada função atribuída aos jogadores no jogo, pode-se otimizar a performance dos jogadores focando os treinamentos nas habilidades que mais lhe serão solicitadas numa partida, dispondo todo o tempo de treinamento de forma específica às necessidades propostas pelo jogo de basquetebol. Sugere-se que mais estudos relacionados às habilidades técnicas e também aos fundamentos táticos do basquetebol também possam ser realizados com o intuito de contribuir para o crescimento da performance desportiva desta modalidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ALMEIDA, Marcos Bezerra de (Kiko). **“Basquetebol Iniciação”**. Editora Sprint, Rio de Janeiro, total p. 139 (p. 86-87), 1998.
2. ARAÚJO, Jorge Miguez. **“Basquetebol Português e Alta Competição”**. Editora Caminho, Lisboa – Portugal, total p. 130 (p.17), 1981.
3. BETRÁN, Javier Oliveira. **“1250 Ejercicios Y Juegos En Baloncesto” Volumen I (Bases teóricas y metodológicas. La iniciación)**. Editora Paidotribo, Barcelona – Espanha, total p. 392 (p. 52-75), 1998.
4. BONAN, Darli Lourdes. **“A Importância do Passe na Preparação de Arremessos no Jogo de Basquetebol: da Teoria à Prática na Fase de Formação”**. Monografia apresentada ao curso de pós-graduação em Educação Física de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialização em Treinamento Desportivo, total p. 51 (p. 2, 49), 1998.
5. **CADERNO TÉCNICO – DIDÁTICO Basquetebol Coletânea**. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Física e Desportos. Brasília-DF, edição do Departamento de Documentação e Divulgação, Impresso pela Empresa Jornalística e Editora Gráfica Alvorada Ltda. Artigo de: CARNESECCA, LOU. **Atacando a Pressão, Ataque Contra uma Defesa Zona Pressão**. Caderno técnico-Didático, total p. 82 (p. 11), 1980.
6. COLEMAN & RAY, Brian e Peter. **“Basquetebol”**. Coleção Desporto, Publicações Europa-América, (p.14, 15, 35, 42, 43, 44, 48, 54, total p. 119), 1976. Tradução de Adam Ribeiro de “Basketball (título original)” da **“The English Basketball Association”**.
7. DAIUTO, MOACYR. **“Basquetebol: Metodologia de Ensino”**. Editora Iglu, São Paulo, 3ª edição, São Paulo – Brasil, total p. 417 (p. 250-254, 154, 159-160, 216-217, 87, 91), 1971.
8. DAIUTO, MOACYR. **“Basquetebol: Origem e Evolução”**. Editora Iglu, São Paulo, total p. 184 (p. 66,70,71,72,87,91), 1991.

9. DUARTE, ORLANDO. **“História dos Esportes”**. Editora Makron Books do Brasil, São Paulo (SP), total p. 252 (p. 30-35), 2000.
10. FERREIRA, Henrique Barcelos. **“INICIAÇÃO ESPORTIVA: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO BASQUETEBOL”**. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Educação Física na modalidade Treinamento em Esportes oferecido pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, orientador Roberto Rodrigues Paes, Campinas-SP, 2001.
11. FRACCAROLI, José Luiz. **“Biomecânica: Análise dos Movimentos”**. 2ª edição, Editora Cultura Médica, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro total p. 251 (p. 157-162), 1981.
12. HAY, James G. **“Biomecânica das Técnicas Desportivas”**. 2ª Edição, Editora Interamericana; tradução de Sônia Cavalcanti Corrêa do Livro: **“The Biomechanics os Sports Techniques”**. Total p. 443 (p. 193-214), 1981.
13. LOTUFO, João. **“Basquete: Novas Regras e Técnicas”**. Editora Brasipal LTDA, São Paulo, Edição Revisada, total p. 205 (p. 83, 89, 93, 98, 105), 1984.
14. MARQUES, Wlamir. **“Caderno Técnico Didático de Basquetebol”**. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria da Educação Física e Desportos, Departamento de Documentação e Divulgação de Brasília – DF, total p. 140 (p. 26, 27, 28, 29, 38, 40, 41, 42), 1980.
15. NOVOSEL, Mirko. **“II Estágio Sul Americano de Técnicos em Basquetebol”**. Associação Brasileira de Técnicos em Basquetebol, Volume II, São Paulo-SP, total p. 80 (p.60),1979.
16. **“Regras Oficiais de Basketball e Manual dos Árbitros 1998”**. Confederação Brasileira de Basketball, Federação Internacional de Basketball, Rio de Janeiro, total p. 166 (p. 34, 41), 1998.
17. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **“Normas para Apresentação de Trabalhos”**. Volume 02, Editora UFPR, 3ª edição, Biblioteca Central, 1994.

18. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **“Referências Bibliográficas”**. Volume 02, Editora UFPR, 3ª edição, Biblioteca Central, 1994.
19. WISSEL, Hal. **“Banloncesto Aprender y Progressar”**. Editora Paidotribo, Barcelona-Espanha, total p. 234 (p. 74),1998.

ANEXOS

